

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MÁRCIA CLÉBIA ARAÚJO DAMASCENO

DINÂMICAS INTERACIONAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES EM IGREJAS
BATISTAS EM JUAZEIRO DO NORTE

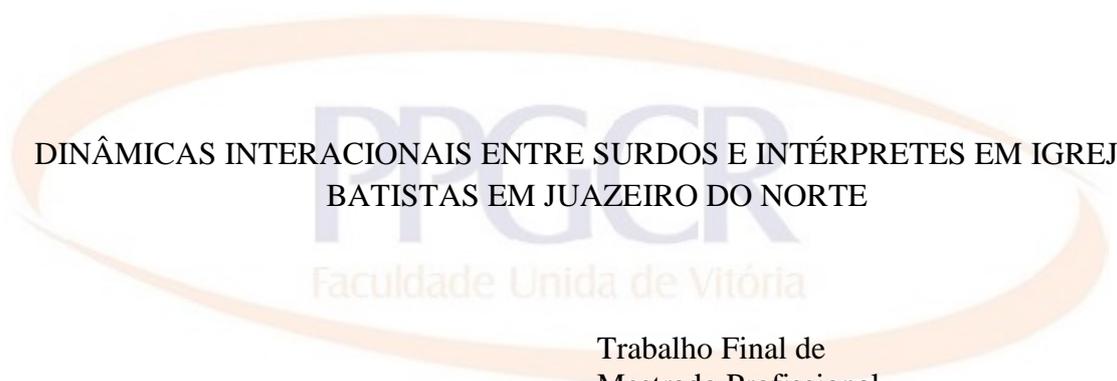
PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 27/05/2019.

VITÓRIA
2019

MÁRCIA CLÉBIA ARAÚJO DAMASCENO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 27/05/2019.



DINÂMICAS INTERACIONAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES EM IGREJAS
BATISTAS EM JUAZEIRO DO NORTE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. José Mário Gonçalves

Vitória - ES
2019

Damasceno, Márcia Clébia Araújo

Dinâmicas interacionais entre surdos e intérpretes em Igrejas Batistas em Juazeiro do Norte / Márcia Clébia Araújo Damasceno. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

ix, 75 f. ; 31 cm.

Orientador: José Mário Gonçalves

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

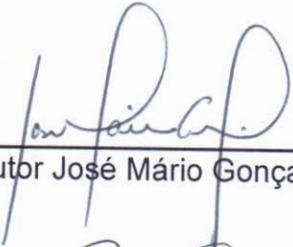
Referências bibliográficas: f. 71-75

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Interação.
4. Surdo. 5. Intérprete. 6. Mulheres. - Tese. I. Márcia Clébia Araújo Damasceno. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

MARCIA CLEBIA ARAUJO DAMASCENO

DINÂMICAS INTERACIONAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES DE
IGREJAS BATISTAS EM JUAZEIRO DO NORTE - CE

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.


Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA (presidente)


Doutor Julio Cezar de Paula Brotto – UNIDA


Mestre Joaquim Cesar Cunha dos Santos – UFES



Dedico este trabalho primeiramente a Deus por Sua presença constante em meio a tantas lutas durante o ano mais difícil da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado até aqui mesmo em meio a tantas intercorrências, possibilitando-me a continuar e a crer que eu conseguiria finalizar este processo.

À minha mãe que possibilitou a realização deste sonho.

Ao meu esposo e ao meu filho por me apoiarem e me ajudarem em todos os momentos com suas orações e compreensão constantes.

À minha amiga e “filha” Juliana Gouveia que sempre esteve ao meu lado desde o primeiro dia até o fim, suportando todas as minhas aflições e angústias, segurando em minhas mãos fazendo o possível para que eu não desistisse.

Ao meu professor e orientador Dr. José Mário Gonçalves por me ajudar em todo o tempo, sempre paciente, disponível e solícito e por toda a sua disposição em me responder prontamente.

À minha igreja, na pessoa do Pr. Samuel Macedo Lobo, pelo apoio e por entenderem a minha ausência.

A todos que fazem a Faculdade Unida de Vitória pelo conhecimento que me foi transmitido com tanta maestria.



“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.”

Terje Basilier

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivos analisar os fatores determinantes da interação entre surdos e intérpretes de Igrejas Batistas em Juazeiro do Norte, bem como, investigar o discurso religioso na ação do intérprete em ambientes externos à igreja; observar como os intérpretes utilizam o discurso religioso para justificar o imponderável do cotidiano do surdo; compreender de que maneira são tecidas as interações sociais entre surdos e intérpretes e identificar as tensões que permeiam as interações sociais entre surdos e intérpretes. Para tal, adotou-se um estudo do tipo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada na cidade de Juazeiro do Norte, estado do Ceará, especificamente em Igrejas Batistas que possuem ministério efetivo com surdos, a Primeira Igreja Batista de Juazeiro do Norte filiada à Convenção Batista Brasileira, Primeira Igreja Batista Regular e Igreja Batista Regular São filiadas à Convenção Batista Regular. 10 surdos e 10 intérpretes, que exercem atividades voluntárias na igreja em que frequentam e que também trabalham profissionalmente como intérpretes da língua de sinais, participaram da pesquisa. A coleta da pesquisa foi realizada separadamente, através de entrevista semiestruturada. Para os surdos, foi feita a entrevista em língua de sinais e para os intérpretes, aplicado um questionário para que respondessem por escrito. Nesse sentido, a relevância social da pesquisa envolveu refletir se as referidas interações se estendem além do espaço físico das instituições religiosas, contribuindo para a participação e engajamento social dos surdos.

Palavras-chaves: Interação, Surdo, Intérprete, Religião.

ABSTRACT

The objectives of this research were to analyze the determinants of the interaction between deaf and interpreters from Baptist Churches in Juazeiro do Norte, as well as to investigate the religious discourse in the action of the interpreter in environments outside the church; to observe how the interpreters use the religious discourse to justify the imponderable of the daily life of the deaf; to comprehend how the social interactions between the deaf and the interpreters are woven and to identify the tensions that permeate the social interactions between the deaf and the interpreters. For this, it was adopted a descriptive and exploratory study with a qualitative approach. The research was conducted in the city of Juazeiro do Norte, state of Ceará, specifically in Baptist Churches that has effective ministry with the deaf, the First Baptist Church of Juazeiro do Norte affiliated with the Brazilian Baptist Convention, First Regular Baptist Church and Zion Baptist Regular Church, affiliated with the Baptist Regular Convention. 10 deaf and 10 interpreters which exercise the volunteer activities in the church where they attend and that also work professionally as interpreters of the Brazilian Sign Language, participated of the research. The research's gathering was done separately, through a semi-structured interview. For the deaf, the interview was conducted in sign language and for the interpreters, a questionnaire was applied to respond in writing. In this sense, the social relevance of the research involved reflecting whether these interactions extend beyond the physical space of religious institutions, contributing to the social participation and engagement of the deaf.

Keywords: Interaction, Deaf, Interpreter, Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O DISCURSO RELIGIOSO E SUA FUNCIONALIDADE NAS INTERAÇÕES INTERPRETATIVAS PARA LÍNGUA DE SINAIS	15
1.1 O surdo e a religião.....	15
1.2 A concepção da língua de sinais enquanto signo linguístico e elemento constituinte das interações dos surdos	21
1.3 O discurso religioso e as interações interpretativas para a língua de sinais	28
2 A TESSITURA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES	35
2.1 Os agentes mediadores da interpretação religiosa para a língua de sinais	36
2.2 Os agentes surdos que frequentam os cultos da Igreja Batista.....	40
2.3 Mediando saberes e guiando para a crença no discurso religioso	45
3 TENSÕES QUE PERMEIAM AS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES.....	51
3.1 Entre a missão religiosa e a atividade profissional	52
3.2 Fronteiras situacionais no cotidiano dos surdos e intérpretes promovendo conflitos	57
3.2.1 Interações dos intérpretes no cotidiano dos surdos fora do espaço religioso	58
3.2.2 Compreensão e clareza nas interpretações durante os cultos	60
3.3 Negociações que atenuam as tensões entre surdos e intérpretes.	63
CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	76
ANEXOS	80

INTRODUÇÃO

O processo de inclusão social na contemporaneidade, especificamente entre os surdos, usuários de uma língua que reverbera numa cultura própria, emergiu não somente como resposta às necessidades do grupo, mas como práticas que viabilizassem retirá-los de um processo histórico de marginalidade, a fim de os inserirem num exercício de cidadania plena, de maneira que houvesse a garantia de direitos e valorização humana.

A pesquisa intitulada *As Dinâmicas Interacionais entre Surdos e Intérpretes de Igrejas Batistas em Juazeiro do Norte- CE* surgiu como elemento constitutivo do refletir e produzir conhecimento a partir da análise dos interlocutores e sujeitos sociais da pesquisa, surdos e intérpretes de Libras, frequentadores de três Igrejas Batistas em Juazeiro do Norte-CE, a Primeira Igreja Batista da Convenção e duas igrejas Batistas Regulares.¹

A atuação dos intérpretes, advindos de segmentos religiosos, acontece a fim de mediar os surdos nas esferas social e, principalmente, religiosa. Isto ocorre nas atividades cotidianas que, para eles, se constituem um desafio devido às barreiras de comunicação e ausência de conhecimento da cultura ouvinte na qual estão inseridos.

Nessa direção, o diálogo como uma oralidade específica que leva em consideração as especificidades do grupo, torna-se importante, visto que tais interações permitem produzir um conhecimento diferenciado e uma aplicabilidade por vezes satisfatória.

É importante salientar que, inserido no âmbito institucional, seja religioso ou não, algumas comunidades auxiliam os surdos com a presença de um profissional, propiciando assim, através do intérprete, a solução de um problema, a obtenção de algum benefício social ou informação a que o surdo tenha direito. Deve-se considerar que a interpretação da língua de sinais, por parte de um intérprete religioso, está intrinsecamente ligada à sua experiência religiosa.

A comunidade surda, em vários espaços religiosos, possui um ambiente de interação, valorização da sua cultura e orientações no tocante às suas práticas sociais. Estas instituições interagem socialmente com a comunidade surda no sentido de oferecerem espaços de divulgação da língua de sinais e intencionam apoio assistencial de maneira a se tornarem referência da promoção dos direitos dos surdos. No entanto, tal promoção é revestida de um

¹ As Igrejas filiadas à Convenção Batistas Regular são conservadoras, separatistas e fundamentalistas; seguem uma orientação que pode ser identificada à doutrina reformada. Enquanto, as Igrejas Batistas da Convenção são conservadoras, porém, não seguem a linha reformada nem separatista.

discurso religioso que tem como proposta solidificar essas relações no campo institucional-Igrejas.

Concernente à cultura surda que é caracterizada pela maneira do surdo apreender o mundo ao seu redor e de transformá-lo de maneira acessível, moldando-o conforme suas percepções definindo assim sua identidade, compreende-se a relevância desse processo que é mediado através da língua de sinais, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais-Libras, construindo as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos dos surdos.

Neste sentido, surgem as seguintes questões: como o discurso religioso impacta a interação entre surdos e intérpretes? De que maneira o discurso religioso, mediado pelo intérprete da língua de sinais, promove as dinâmicas interacionais entre eles? Quais fatores determinam estas interações?

A dissertação trata-se de um esboço de uso da pesquisa ação, que consiste em uma modalidade de estudo que se refere a um tipo de pesquisa social, cujo princípio pretendeu identificar um problema coletivo, em que a pesquisadora necessitou aproximar-se da realidade, conhecê-la, entender o problema em questão e criar proposta para solucioná-lo, de forma que, após implementar, o problema seja avaliado junto à participação da população envolvida. A pesquisa foi realizada na cidade de Juazeiro do Norte, estado do Ceará, especificamente em Igrejas Batistas que possuíam ministério efetivo com surdos, a Primeira Igreja Batista de Juazeiro do Norte filiada à Convenção Batista Brasileira, Primeira Igreja Batista Regular e Igreja Batista Regular São filiadas à Associação Batista Regular.

A partir do desenho do estudo, a pesquisa foi desenvolvida com 10 surdos e 10 intérpretes que exercem atividades voluntárias nas igrejas em que frequentam na cidade de Juazeiro do Norte- CE e que também trabalham profissionalmente como intérpretes da língua de sinais-Libras. A coleta da pesquisa foi realizada separadamente, através de questionário semiestruturado para os intérpretes e entrevista para os surdos. Para os surdos, foi feita a entrevista filmada em língua de sinais e para os intérpretes, a aplicação do questionário para que eles respondessem por escrito. Para tal, adotou-se um estudo do tipo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa por melhor adequar-se aos objetivos apontados. O método qualitativo permite mostrar as características inerentes à determinada população ou fenômeno, sua natureza, na perspectiva de compreendê-lo. Nesse método, conforme Leopardi, o conhecimento é originário de informações de pessoas diretamente vinculadas com o fenômeno estudado, portanto não podem ser controladas e generalizadas.²

² LEOPARDI, M. T. *Metodologia da pesquisa na saúde*. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2002, p. 118.

Para Gil, as pesquisas descritivas têm como principal objetivo a descrição das características de uma população ou um fenômeno específico, como também, o estabelecimento de relações entre variáveis. Enquanto que, o eixo exploratório permite acrescentar experiências acerca do tema e seu caráter através da vivência com o tema estudado.³

Surdos e intérpretes da língua de sinais foram selecionados a partir dos seguintes critérios: frequentar uma Igreja Batista em Juazeiro do Norte, ser sinalizador de Libras, ser maior de 18 anos e ter mais de dois anos de atuação como intérprete.

A escolha do segmento religioso Batista para realização da pesquisa partiu da observância do quantitativo de surdos presentes nessas instituições, como também, da necessidade de compreender, como intérprete deste segmento, a interação entre os agentes religiosos.

A pesquisa tomou, principalmente, como base teórica os escritos de Cesár Augusto de Assis Silva em sua ampla pesquisa de campo em distintas instituições religiosas sobre as atividades missionárias cristãs; Ronice Müller de Quadros e suas pesquisas em linguística e línguas de sinais; e os escritos e conceitos trabalhados por Erwing Goffman sobre interação social e o modo pelo qual ele aborda a dinâmica das relações de poder na vida cotidiana. Goffman apresenta um adequado quadro de referência para análise das interações em contextos institucionais. Ele observa os rituais que o indivíduo mantém, a sua maneira de agir socialmente, focando o seu lugar no mundo social e suas ações institucionalmente aceitas.

Ao propor a pesquisa sobre as dinâmicas de interação entre os surdos e os intérpretes das Igrejas Batistas de Juazeiro do Norte, objetivou-se analisar os fatores determinantes dessa interação, bem como, investigar o discurso religioso para justificação da ação do intérprete em ambientes externos à igreja; observar como os intérpretes utilizam o discurso religioso para explicar o imponderável do cotidiano do surdo; compreender de que maneira são tecidas as interações sociais entre surdos e identificar as tensões que permeiam as interações sociais entre surdos e intérpretes.

Sob o viés de que o debate contemporâneo em torno da inclusão social é, sem dúvidas, um campo fértil de pesquisa e intensamente relevante, no tocante aos surdos, os agentes religiosos, seus horizontes simbólicos e suas práticas e atividades ganham centralidade. A aproximação do surdo aos espaços religiosos pode trazer inúmeros benefícios, tanto para a família destes indivíduos quanto para a sociedade, quando esta aproximação torna

³ GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 42.

o surdo conhecedor da diversidade de informações, principalmente relacionadas aos direitos sociais que lhes assistem, mas que são omitidas pela barreira na comunicação.

Conhecer os fatores determinantes, como a religião, para a existência das interações entre surdos e intérpretes mediadas pelo discurso religioso é primordial, pois as interpretações e orientações recebidas por estes surdos, frequentadores de Igrejas Batistas, passam pelo filtro religioso que norteia a fé dos surdos e as suas práticas sociais. Nesse sentido, a relevância social da pesquisa envolve refletir se as referidas interações se estendem além do espaço físico das instituições religiosas, contribuindo para a participação e engajamento social.

A importância de se levar em consideração a influência e participação destas interações religiosas não podem ser ignoradas, visto que os frequentadores destas instituições, através das interações estabelecidas, modificam padrões de comportamentos. Deve-se levar em conta que estamos lidando com grupos heterogêneos, numa sociedade progressivamente fragmentada em que há disputas por espaços e legitimidade.

Nessa perspectiva, refletir sobre princípios e valores religiosos envolve pensar nessas práticas como ação, ou seja, como um conjunto de elementos em que o fazer humano torna-se o diferencial. Assim, as dinâmicas interacionais existentes entre surdos e intérpretes de instituições religiosas implicam na viabilização de transformações.

Com base no explanado acima, esta pesquisa se desenvolve em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o discurso religioso e a sua funcionalidade nas interações entre surdos e intérpretes, com intuito de refletir sobre as bases para o desenvolvimento sistemático e aprofundado do tema do diálogo religioso e o cotidiano surdo, com ênfase na inclusão dos surdos nas Igrejas Batistas, bem como, no discurso religioso e suas interações interpretativas para a língua de sinais e, na compreensão da Libras como signo linguístico e elemento constituinte nas interações e como a primeira língua da comunidade em estudo.

O segundo discorrerá sobre as tessituras das interações sociais entre os sujeitos da pesquisa, caracterizando os agentes mediadores da interpretação: os intérpretes, bem como, os agentes receptores da mensagem: os surdos, com a finalidade de analisar a composição das práticas que envolvem essa relação discursiva.

O terceiro capítulo trata das tensões que permeiam as interações sociais entre surdos e intérpretes, no que concerne à missão religiosa voluntária e à atividade profissional daqueles que trabalham profissionalmente com o ensino da língua, a fim de compreender as fronteiras situacionais as quais promovem conflitos no cotidiano dos surdos e intérpretes, e as negociações com fins de atenuar as possíveis tensões entre os agentes discursivos em questão.

As instituições religiosas supracitadas foram escolhidas a partir da minha experiência como intérprete em uma Igreja Batista, na mesma região, durante mais de 23 anos. Neste período, pude testemunhar muitos conflitos existentes entre os surdos e intérpretes de Libras em diversos momentos de interação entre eles. Os conflitos eram, por vezes, atenuados sob a égide dos princípios observados na Palavra de Deus. Interessou-me, portanto, entender as dinâmicas interacionais entre os partícipes surdos e intérpretes dessas igrejas a fim de que a pesquisa em questão pudesse auxiliar na compreensão e nas possíveis transformações dessas relações.



1 O DISCURSO RELIGIOSO E SUA FUNCIONALIDADE NAS INTERAÇÕES INTERPRETATIVAS PARA LÍNGUA DE SINAIS

O capítulo em questão aborda a inclusão dos surdos nas instituições religiosas, destacando as Igrejas Batistas. Apresenta a língua de sinais como elemento constituinte das interações dos surdos nestes espaços, como também explana o discurso religioso e as suas funções no que concerne às relações interpretativas da língua oral auditiva para as Libras, língua brasileira de sinais da comunidade surda.

1.1 Os Surdos e a religião

A língua brasileira de sinais, Libras, foi reconhecida pela Lei Federal 10436, de 24 de abril de 2002, a partir da qual tem se estabilizado uma determinada relação de alteridade entre indivíduos diferenciados pela audição. Na relação em questão, as categorias surdo e ouvinte são opostas, não somente na indicação de tais sujeitos ouvirem ou não, como também na sinalização das diferenças que, em termos, são de ordem linguística e cultural.⁴

Esse reconhecimento é recente, no entanto, o indivíduo surdo foi historicamente estigmatizado, considerados seres de menor valor social, pois faltava-lhe o atributo, eminentemente humano, ou seja, a linguagem oral e, conseqüentemente as suas virtudes cognitivas. A sociedade concebe meios para colocar as pessoas em categorias, como também definir os aspectos que as consideram *normais* ou *anormais*, tudo que difere do que é padrão é colocado à margem. O surdo quer apenas ser ouvido.

A Igreja Católica foi de fundamental importância no processo histórico da surdez na sua segmentação, congregações, institutos educacionais, paróquias e pastorais ocupam uma posição de base incomparável na produção de meios que facilitassem a comunicação entre os agentes, a título de exemplo tem-se o alfabeto manual originado em mosteiros beneditinos da Idade Média. Tal alfabeto, assim como outras formas de comunicação silenciosas, foi inventado, devido ao voto de silêncio para garantir a comunicação entre monges e,

⁴ BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 26 jan. 2019.

posteriormente, migrou para muitos países do Ocidente cristão, passando por algumas alterações.⁵

A história está intrinsecamente vinculada ao modo como agentes religiosos atuam, inicialmente, na questão da educação dos surdos relacionando-a ao padre espanhol Ponce de León, no século XVI, educador de surdos-mudos⁶ nobres, que utilizando a metodologia oralista, a qual intenciona que eles se comuniquem através da leitura labial, teria conseguido fazer com que alguns indivíduos não ouvintes falassem. Posteriormente, a utilização inicial dos próprios sinais na educação teria sido feita pelo abade francês Michel de l'Épée, no século XVIII, com a formulação de um modo de comunicação denominado *sinais metódicos*, ou seja, o uso dos sinais apropriados, ou seja, em conformidade com a gramática da língua francesa.⁷ As igrejas católicas ocuparam um papel chave no processo de associação primária não apenas de pessoas com surdez, mas também na consolidação e desenvolvimento de outros indivíduos ditos com deficiência.⁸

A relação entre a surdez e as instituições religiosas possui uma longa duração. A história da educação de surdos confunde-se com o exercício missionário cristão, que certamente, foi imprescindível para desencadeamento de um processo de associativismo primário, que contribuiu para emergir formas de comunicação sinalizada.⁹

No Brasil, concernente às missões protestantes, de acordo com Assis Silva, a transição dos anos 1970 para os 1980 é um momento de modificações no âmbito da surdez. A ação missionária protestante, voltada para os surdos, foi intensificada com a multiplicação de outras vertentes do cristianismo. Inúmeras denominações protestantes realizaram evangelismo com surdos, tendo destaque, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e as Igrejas Batistas da Convenção Batista Brasileira dentre outras. Para o autor, os agentes luteranos embasaram a afirmação da surdez como particularidade linguística, ou seja, a língua era o diferencial. No

⁵ REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Ver, Bras. de Educ.* [online]. 2007, vol. 12, n. 35, 2007. p. 308-326. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000200011>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

⁶ GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus, 2002, p. 27.

⁷ MOURA, M. C. de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter/ Fapesp, 2000. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/128_147.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

⁸ RAMOS, C. R. *LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros*. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

⁹ ASSIS S. C. A. de. *Entre a deficiência e cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011, p. 41.

início dos anos 1980, de modo pioneiro, atestaram o estatuto de língua da comunicação atribuída aos surdos.¹⁰

Desde os anos 1970, as igrejas protestantes têm sido identificadas como um ambiente de formação de intérpretes das libras, surgindo os primeiros pesquisadores sobre o assunto e, especialmente, a consciência da importância da comunicação com os surdos através da língua de sinais. Nesse sentido, compreende-se que o espaço religioso oferece ao surdo não apenas um ambiente de interação e divulgação da sua língua, mas de construção de identidade religiosa.¹¹

Pode-se constatar, a exemplo disso, a presença de muitos surdos nas igrejas evangélicas do Brasil, algumas com programas de televisão, que por vezes, mostram a presença de intérpretes.¹²

Na história dos surdos, observa-se um trajeto rodeado de imposições, de experimentos sem êxito e com muito preconceito. Os surdos eram vistos como incapazes e certamente não teriam muitas chances numa sociedade de ouvintes, que usavam a língua oral para se comunicar, pois a língua falada, considerada essencial para a comunicação e desenvolvimento integral das pessoas surdas, era imposta aos surdos. Eles deveriam aprender e usar leitura labial caso quisessem se engajar em um mundo de ouvintes, para tanto, os surdos deveriam ser oralizados.

O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade.¹³

No entanto, em se tratando das igrejas Batistas não se observou a tomada de partido dessa visão oralista tampouco a adotou, mas abraçou a aprendizagem e o uso da língua de sinais para poder viabilizar a comunicação permitindo-lhes usarem a sua língua sem medo e sem a vergonha que antes lhes eram atribuída. Para que os surdos que vivessem em igualdade com os ouvintes, antes de tudo, precisariam ser aceitos como usuários de uma língua

¹⁰ ASSIS SILVA, C.A. *Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011. p. 124.

¹¹ ASSIS, 2011, p. 124.

¹² ASSIS SILVA, C. A. de. *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome/FAPESP, 2012. p. 41.

¹³ GOLDFELD, 2002, p. 34.

diferente, rica e expressiva como qualquer outra língua e como partícipes de uma comunidade que fazia uso dessa língua para se comunicar, denominada comunidade surda.

As instituições religiosas Batistas têm demonstrado e valorizado uma visão distinta sobre a surdez, colocando-a em termos de particularidade linguística e cultural. Pessoas engajadas politicamente, assim como pesquisadores das línguas de sinais e da surdez, passaram não apenas a reivindicar o reconhecimento da língua brasileira de sinais como língua, mas também asseverar que os surdos constituíssem um *povo*¹⁴ com língua, cultura e história particulares. A igreja assinala para a etnicidade que não se fazia presente na conformação discursiva anterior concernente à surdez. Por conseguinte para a igreja, a surdez deveria deixar de ser vista como deficiência e patologia, e passar a ser reconhecida como diferença.

[...] entre todas as denominações de matriz protestante, certamente as congregações batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira destacam-se nesta questão. Geralmente a prática de evangelização de surdos enquanto grupo étnico-linguístico, conformada pela atuação do missionário, também intérprete, tem como ponto de partida, agentes e congregações batistas, constituindo um movimento que tem se espalhado em uma rede que alcança inclusive a igreja católica. Cursos de formação de intérprete ministrado por batistas, assim como dicionários e vídeos religiosos batistas com a performance, explicam sua posição como agência disseminadora.¹⁵

Para os cristãos batistas, os surdos são alvos da mensagem cristã, são considerados como um *povo* que possui uma língua específica para se comunicar, a Libras, bem como uma cultura gestual-visual que se expressa em todos os rituais. O uso da língua de sinais permite que as práticas e os dogmas da denominação Batista continuem em relação de plena continuidade nesta particularidade étnico-linguística. Acreditam que para que aconteça o alcance dos surdos é necessário um olhar antropológico que remete à Grande Comissão, quando Jesus disse: *ide a todos os povos*. Neste contexto, estão inseridos os surdos, um grupo de indivíduos que possui uma mesma história, língua, crença e identidade.

De modo que, em grande medida, nas práticas Batistas se afirma que o surdo não precisa da cura biológica da surdez, mas sim do reconhecimento de sua particularidade linguística e cultural e da garantia de igualdade linguística perante aos ouvintes, isto é, o direito à interpretação, à participação.¹⁶

¹⁴ O povo é compreendido como toda a continuidade do elemento humano, projetado historicamente no decurso de várias gerações e dotado de valores e aspirações comuns.

¹⁵ ASSIS, 2011, p. 102.

¹⁶ ASSIS, S. C. de; TEIXEIRA, J. Entre a “cultura surda” e a cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. *Revista Cultura y Religión* v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=20&idart=353>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

A primeira iniciativa dos missionários batistas voltada para o ministério com surdos no Brasil aconteceu em Campinas, São Paulo, no ano de 1978 em uma pequena igreja Batista por missionários americanos que iniciaram as atividades com os surdos apoiados por um missionário surdo norte-americano o qual já havia fundado cerca de 100 ministérios com surdos nos Estados Unidos. Eles usavam o livro *Comunicando com as mãos*¹⁷ e vários ministérios com surdos foram estabelecidos sendo iniciados através dele.¹⁸

Entre os batistas, na década de 1990, iniciou-se um grande movimento de divulgação e padronização da atividade missionária com surdos, a saber: o ministério com surdos da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira que intensificou um discurso missiológico culturalista. Em 1991, a Convenção Batista Brasileira publicou um livro sobre a língua de sinais, que produzido pela Junta de Missões Nacionais intitulou *O clamor do silêncio* essa obra traz o primeiro registro de sinais-termos bíblicos para todos os ministérios de surdos das igrejas evangélicas, facilitando a comunicação no contexto histórico da Bíblia que serviu para a organização de ministérios com surdos a fim de trabalhar com evangelismo de surdo em todo o Brasil, sendo revisado e republicado em 2002.¹⁹

A obra *O clamor do silêncio* faz uma crítica explícita ao oralismo e a comunicação total, enaltecendo o método bilíngue que propõe a aquisição da língua de sinais como primeira língua, língua natural da comunidade surda, adquirida espontaneamente e a língua oral como segunda língua. Também dispõe sobre a utilização do termo surdo, considerando as terminologias: surdo-mudo e deficiente auditivo como inadequadas e desapropriadas.²⁰

Conforme *O clamor do silêncio* é apresentado, os sinais-termo resultam de pesquisas sobre os significados bíblicos e de sinais-termo convencionados pela comunidade surda.

Os sinais foram escolhidos, partindo-se de uma pesquisa sobre o seu significado bíblico e uso em igrejas batistas que já possuem o ministério com surdos. Os que não apresentam significados são os sinais convencionados pela comunidade de surdos, cujo significado é desconhecido. [...] Não se esgotam neste exemplar todos os sinais necessários.²¹

¹⁷ MELO, A. *Ministério com Surdos, História, Desafios e Sinais Bíblicos*. Curitiba: Santos Editora, 2017, p. 19

¹⁸ MELO, 2017, p. 18.

¹⁹ ASSIS, 2010, p. 157.

²⁰ ASSIS SILVA, C. A. de. *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome/FAPESP, 2012. p. 119.

²¹ JUNTA DAS MISSOES NACIONAIS DA CONVENCAO BATISTA BRASILEIRA. *O clamor do silêncio*. Rio de Janeiro [s.e.], 1991.

O texto relata o exercício de atividade missionária com surdos pela lógica da missão transcultural.²² Os surdos são considerados um *povo não alcançado*²³, com língua e cultura próprias, e não há uma comunidade nativa de cristãos capazes de evangelizá-los. *Podem ser comparados aos povos indígenas*, sendo necessária a tradução da Bíblia para a língua nativa visando ao alcance da mensagem cristã. Para que o cristianismo fosse pregado para surdos, houve a necessidade do intérprete da língua de sinais.²⁴

As Igrejas Batistas investiram em missões com surdos atuando de modo transversal no campo religioso, treinando intérpretes através de oficinas de Libras, com fins de alcançar o surdo. Este alcance se dá através da ação evangelística por meio de recenseamento de casas, realização de estudos bíblicos, cultos nas escolas e praças, atividades para crianças, entre outras, capacitando-os para o relacionamento com Cristo como seu Salvador e promovendo a integração entre o surdo, a família, a igreja e a sociedade.²⁵

O manual supracitado também objetiva sistematizar os ministérios com surdos, como esses devem ser organizados com sugestões que auxiliam aos líderes de ministério e intérpretes sobre a realização de estudos bíblicos, interpretação em cultos e palestras, apresentação de teatro e interpretação de músicas, discipulados e visitação aos surdos. Uma grande parte deste material é dedicada à sistematização da interpretação do tradutor-intérprete, este deverá ter consciência de que não é apenas a ponte entre o pastor e o surdo, mas sim o canal de transmissão da mensagem de Deus.²⁶

Portanto, através dessa publicação, o intérprete de Libras recebe instruções para o ministério com surdos, e o líder recebe sugestões de como formar sua equipe, levando em conta o seu chamado ministerial e o domínio das técnicas necessárias (corporais e faciais), além do domínio da língua para a evangelização e discipulado desse grupo.

[...] em grande medida o objetivo de *O clamor do silêncio* foi sistematizar essas praticas missionárias dispersas em diversas congregações batistas e produzir um manual que orientasse a fundação de novos ministérios com surdos. Na publicação, argumenta-se que *os surdos* conformam um *grupo não alcançado* que está no meio urbano e que, portanto, cabe aos missionários desenharem estratégias específicas para que eles possam ouvir a mensagem cristã.²⁷

²² Trabalha com a existência de um conteúdo universal que se manifesta de maneira explícita ou implícita em qualquer cultura. É esforço da Igreja em cruzar qualquer fronteira que separe o missionário de seu público alvo.

²³ A definição de *povos não alcançados* é: grupos de pessoas que não possuem entre si um movimento cristão atuante e/ou números suficientes de cristãos com recursos adequados para evangelizar o restante do grupo.

²⁴ ASSIS, 2012, p. 48.

²⁵ MELO, 2017, p. 31.

²⁶ ASSIS, 2012, p. 117-118.

²⁷ ASSIS, 2012, p. 116.

As instituições Batistas, através dos intérpretes religiosos da língua de sinais, desempenharam um papel de fundamental importância para a pregação do evangelho, para a propagação da língua de sinais enquanto elemento constituinte das interações dos surdos e conseqüentemente para a inclusão destes indivíduos na sociedade.

1.2 A concepção da língua de sinais enquanto signo linguístico e elemento constituinte das interações dos surdos.

A Libras é o sistema linguístico utilizado pela comunidade surda, ou seja, é a língua natural dos surdos. Para o linguista Ferdinand de Saussure, a língua é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem, como também, um conjunto de convenções imprescindíveis adotadas pelo grupo social para que o exercício dessa faculdade seja efetivo. Como fator social, sua existência embasa-se na necessidade de comunicação dos indivíduos, que por sua vez manifesta-se de forma individual, percebendo-se uma valorização da fala, outrora, concepção não defendida por Saussure.²⁸

A partir da sua célebre concepção dicotômica entre a língua e a fala²⁹, os estudos saussurianos revolucionaram a linguística, tendo em vista a exclusão da fala do seu campo de estudo. A língua, objeto abstrato e ideal para constituição do sistema sincrônico e homogêneo. O postulado por Saussure serviu como ponto de partida para estudos de diversos linguistas, mesmo que rejeitando suas concepções. Mikhail Bakhtin abriu caminho para a linguística moderna.

Bakhtin concebeu a ideia de que a língua materna (vocabulário e estrutura) não é apreendida através de manuais gramaticais, nem por meio de dicionários, mas sim, através dos enunciados concretos, da comunicação efetiva da interação entre os interlocutores do processo comunicativo. O autor enxergou a linguagem como um processo de interação constante, mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo. A língua só existe porque existe o uso.³⁰

A estrutura linguística, na concepção de Bakhtin, funciona como parte do enunciado, existe outra esfera, a não verbal, correspondente ao contexto da enunciação para que o significado se constitua. Existe um percurso realizado pelo locutor desde a elaboração mental

²⁸ SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 17.

²⁹ *Langue* é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la, enquanto que *parole* é considerada circunstancial, variável, acidental, por estar condicionada à liberdade do falante para criar as combinações individuais, está associada à concepção do indivíduo.

³⁰ BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. Trad.: Paulo Bezerra, 2003, p. 268.

do conteúdo até a enunciação, que orientado pela sociedade adapta-se ao contexto da fala, como também aos interlocutores reais, concretos. Assim, o estudioso diverge e/ou complementa os que o antecederam, como Saussure.³¹

Conforme a autora Brandão:

Com o corte língua/fala e os conceitos de sistema e sincronia, Saussure elimina da linguística científica a fonologia, o enunciado, o referente, o sujeito, a cultura e a história. Essas 'exclusões' vão ser incluídas no debate linguístico por volta dos anos 1950, por vários estudiosos, que vão ficar conhecidos como estruturalistas. Embora reconhecendo o valor da revolução linguística provocada por Saussure, logo se descobriram os limites dessa dicotomia pelas consequências advindas da exclusão da fala do campo dos estudos linguísticos.³²

A respeito dessa evolução linguística, afirma Labov:

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade (...). A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.³³

Para Labov a palavra sinalizada ou oralizada, produto da interação social e histórica, caracterizada pela pluralidade, é, por excelência, signo ideológico. A linguagem é o lugar em que a ideologia, visão historicamente estabelecida em uma determinada sociedade que prevalece e domina, é a forma como essa organização social se constitui, funciona e se manifesta concretamente.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior.³⁴

O signo está vinculado diretamente à ideologia, pois é através dela que ocorre a produção de sentido. O signo é um fragmento material da realidade. Conforme o autor:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é

³¹ BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2009. p. 196.

³² BRANDÃO, M. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 9.

³³ MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 16-17.

³⁴ VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 33.

ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. [...] E toda imagem artístico-simbólica ocasionada um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, outra realidade.³⁵

A palavra, sendo ela sinalizada ou oralizada, presente em todo ato consciente, acompanha toda e qualquer criação e apreensão dos fenômenos ideológicos, é significada na inter-relação discursiva ordinária dos interlocutores, mas também material semiótico do discurso interior.³⁶

Além do afirmado, para que uma estrutura seja considerada língua deve atender a alguns requisitos, tanto as línguas orais auditivas, quanto as de cunho gesto-visual. A Libras é o sistema utilizado pela pessoa surda, ou seja, é a língua natural dos surdos e como toda língua de sinais, é de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.³⁷

Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua, e como tal, assim como as línguas orais - auditivas, possuem propriedades como flexibilidade/ versatilidade. A língua pode ser usada para demonstrar sentimentos, dar opiniões, fazer perguntas, dar ordens, dentre outras ações. A arbitrariedade são sistemas de símbolo baseados em convenções sociais puras ou arbitrarias, ou seja, as (os) palavras sinalizadas ou oralizadas não apresentam correspondência entre forma e significado.³⁸

A Libras, assim como a língua oral auditiva, possui um padrão de organização e de dependência estrutural. Embora haja flexibilidade na produção de sinais, existe um conjunto fixo de possibilidades que permite a substituição para formação de outros itens, traços considerados pela linguística, essenciais às línguas naturais.³⁹

A língua de sinais atende a mesma demanda do sistema linguístico oral auditivo:

³⁵ VOLOCHÍNOV, 2013, p. 33.

³⁶ VOLOCHÍNOV, 2013, p. 128.

³⁷ CAPOVILLA, F. C. et al. O desafio do bilinguismo na educação do surdo: descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética e estratégias para resolvê-la. In: *Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://bdpi.usp.br/item/001490882>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

³⁸ QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 24.

³⁹ QUADROS, 2014, p. 25-28.

[...] para responder a uma demanda bastante específica, porque a situação dita o recurso que é necessário. Assim, o homem inventou as linguagens – sistemas de representação criados conforme a necessidade que se mostrava presente. Sistemas verbais, com estruturação bastante complexa e convencionalizada, como as línguas faladas ou as línguas de sinais; sistemas não verbais, igualmente complexos mas, mais polissêmicos, como a música e o desenho. A modalidade linguística será visual, sonora, corporal, gráfica ou até digital – isso vai depender de quem está significando o que para quem, por quais razões, e em quais circunstâncias.⁴⁰

Bakhtin afirma que a linguagem possui natureza ideológica, por refletir os valores sociais daqueles que a utilizam. A palavra, sinalizada ou oralizada, é resultado da interação entre os elementos da comunicação: locutor e locutário. Para os interlocutores, a linguagem é constitutiva da consciência e de toda atividade mental. O sujeito é constituído nas interações das quais participa. Os partícipes do processo devem pensar a língua a partir do outro, levando-os à compreensão do percurso dialógico das relações que humanizam o indivíduo.⁴¹

Sobre a interação semiótica, o autor afirma:

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento e, ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significativo, etc, constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.⁴²

Concernente às relações dialógicas, elas tendem a ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aquiescência ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desentendimento, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. Quando os papéis dos interlocutores são distintos, observa-se a existência do “eu” como imagem montada, com uma fachada desenhada a partir das decorrências manifestas no fluxo de eventos.⁴³

Sabe-se que a surdez caracteriza-se por possuir aspectos em comum, que lhe atribuem uma identidade particular algumas pessoas surdas partilham dessas especificidades como a utilização de uma língua de sinais, uma maneira semelhante de ser e de agir, bem como um modo de constituir o pensamento e a linguagem que transcendem as formas ouvintes.⁴⁴

⁴⁰ REILY, L. *Escola inclusiva: linguagem e mediação*. Campinas: Papyrus, 2004, p. 18.

⁴¹ BAKHTIN, 2009, p. 35.

⁴² BAKHTIN, 2009, p. 35-36.

⁴³ FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008, p. 24.

⁴⁴ SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 43.

A cultura surda é caracterizada pela maneira do surdo apreender o mundo ao seu redor, de maneira acessível, conforme suas percepções, definindo assim sua identidade, sua cultura. Nas instituições religiosas, o discurso promove a interação entre surdos e intérpretes, promovendo as dinâmicas interacionais entre os elementos comunicativos. Partindo do pressuposto de que todo e qualquer enunciado é uma tomada de posição, uma vez que, no ato da enunciação, concretiza-se uma postura global em relação à língua, à visão de mundo, aos conhecimentos e a outros discursos, vários são os fatores determinantes destas interações.⁴⁵

As línguas usadas pelas pessoas surdas, línguas de sinais, e as línguas orais auditivas possuem os mesmos princípios que configuram, reconhecem um enunciado como língua, possuem léxico e gramática, respectivamente, dispõem de um conjunto de símbolos, outrora convencionalizado pela comunidade surda, bem como, um sistema de regras que norteiam essas representações simbólicas, diferentes apenas, na modalidade, enquanto uma utiliza-se, para recepção e emissão das informações linguísticas: olhos e mãos, modalidade espaço-visual; a outra, faz uso da oralidade e da audição.⁴⁶

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos indica sobre a língua de sinais que:

Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, ou seja, que esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas. A Língua de Sinais apresenta, por ser uma língua, um período crítico precoce para sua aquisição, considerando-se que a forma de comunicação natural é aquela para a qual o sujeito está mais bem preparado, levando-se em conta a noção de conforto estabelecido diante de qualquer tipo de aquisição na tenra idade.⁴⁷

Além do caráter normativo, estruturante, a língua, conforme Saussure, é um fator social. Sendo assim, ela não é uma posse individual, mas sim, pertencente a uma comunidade. No caso da Libras, à comunidade surda e aos intérpretes, cuja função é mediar o discurso entre o indivíduo surdo e o ouvinte que não sinaliza. A língua ocupa um lugar relevante na formação individual e coletiva dos sujeitos, marcando posições de pertencimento ou não a determinado grupo.⁴⁸

O diálogo como uma oralidade específica que leva em consideração as limitações do grupo, surdos e intérpretes de Libras frequentadores das igrejas Batistas, torna-se importante, visto que tais interações permitem produzir um conhecimento diferenciado e uma

⁴⁵ BAKHTIN, 2009, p. 381.

⁴⁶ QUADROS, 2014. p. 47-48.

⁴⁷ FENEIS- *Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos*, 2006. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

⁴⁸ SAUSSURE, 2006, p. 17.

aplicabilidade por vezes satisfatória. No entanto, vale considerar que o tradutor - intérprete, como enunciador na interação entre sujeitos surdos que não têm acesso aos discursos nas línguas originais. O profissional utiliza os recursos linguísticos mais adequados à condução discursiva da língua fonte (oral-auditiva) à língua alvo (espaço-visual) a partir de um espaço-tempo específico, ou seja, nas celebrações religiosas, sendo responsável pela veracidade e fidelidade das informações.⁴⁹

No tocante à interação entre os sujeitos surdos e/ou ouvintes, Goffman observa nos rituais comunicativos que o indivíduo (surdos/intérpretes) mantém, a sua maneira de agir socialmente, focando o seu lugar no mundo social e suas ações institucionalmente aceitas. Todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes.⁵⁰

Na Libras, a comunicação mediada acontece quando em situações comunicativas uma pessoa traduz os proferimentos do emissor para o recipiente. O profissional intérprete, através do reconhecimento e da intelecção de sinais, traduz o que é proferido pelo locutor para o locutário com o intuito de obter a efetiva comunicação e interação entre os agentes.⁵¹

Segundo Goffman, há regulamentos nesse processo, regras de interação, pois, na presença do outro há fragilidade, pois o indivíduo encontra-se vulnerável às palavras, às ações, aos movimentos. Os condicionamentos comportamentais são necessários para tornarem possíveis os laços sociais de interação.⁵²

Nesse sentido, compreende-se que a língua é o principal meio de interação dos surdos em quaisquer que sejam os ambientes em que estejam inseridos, ela não é apenas instrumento de comunicação, mas sim, a expressão da própria identidade, da própria cultura. Esta identidade precisa ser constantemente renegociada e estão susceptíveis a alterações, sendo o contato dos indivíduos (surdos/intérpretes) com as diferentes culturas um dos exemplos dessa renegociação.⁵³

Conforme Quadros a língua de sinais é uma língua espacial visual, pois utiliza a visão para captar as mensagens e os movimentos, principalmente das mãos, para transmiti-la.

⁴⁹ QUADROS, R. M. de. *O tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004. p. 94.

⁵⁰ GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 13.

⁵¹ NUNES, J. H. A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 2. 2005. p. 254.

⁵² GOFFMAN, 2011. p. 41.

⁵³ BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 97.

O tradutor/intérprete de Libras interpreta e traduz a mensagem de uma língua para outra de forma objetiva e clara, possibilitando a comunicação entre duas culturas distintas.⁵⁴

De acordo com Lima a partir da língua de sinais interpretada:

A língua de sinais é uma linguagem viso-espacial, na qual os gestos são traçados no espaço para serem vistos. Ela tem parâmetros próprios. Assim, algumas características da linguagem oral como uma data entonação ou um questionamento não são compreensíveis para a pessoa surda.⁵⁵

Conforme Goffman o processo comunicativo está constituído de normas e restrições responsáveis para regular o uso da língua nos diversos contextos interacionais da fala/sinalização. Para o autor, duas hipóteses são pertinentes e devem ser consideradas: primeiramente, o elemento relevante no estudo apropriado de interação não é o indivíduo e sua psicologia, mas sim, as relações de sentido existente entre os atos de pessoas distintas mutuamente presentes às outras; em seguida, a identificação dos padrões e das sequências naturais de comportamentos apresentados por indivíduos sempre que estão na presença imediata de outros, denominada pelo teórico de *sociologia as circunstâncias*.⁵⁶

O intérprete tem a função de intermediar a interação comunicativa entre o surdo e o ouvinte que não sinaliza. Avaliando os inúmeros tipos de discursos os quais o intérprete é exposto, considera-se necessário que esse agente crie possibilidades sobre o que é usado no momento, além de elementos linguísticos e referenciais que auxiliem o surdo na construção de sentido aos objetos expostos tanto falados como escritos.⁵⁷

As igrejas constituem-se um espaço de interação e de valorização das pessoas. Muitas igrejas, atentando para suas necessidades, e com o objetivo de integrá-las entendem que “Deus nos criou individualmente, a diversidade é a nossa experiência comum. O que pesa para nós é a amplitude da diversidade. A compreensão de que alguns nascem sem braços, ou que falam por sinais e gestos, em vez de usar palavras, deve ser parte da nossa formação como cidadão do Reino de Deus”.⁵⁸

O trabalho dos intérpretes advindos de segmentos religiosos acontece com o intuito de mediar os surdos na esfera social e, principalmente, religiosa com vistas de evangelização e ao discipulado. Isto ocorre nas atividades cotidianas, que para eles se constituem um desafio devido às barreiras de comunicação e ausência de conhecimento da cultura ouvinte na qual

⁵⁴ QUADROS, R. M. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008. p. 29-30.

⁵⁵ LIMA, P. A. *Educação inclusiva e igualdade Social*. São Paulo: Avercamp, 2006. p. 68.

⁵⁶ GOFFMAN, 2011, p. 10.

⁵⁷ NUNES, 2005, p. 250.

⁵⁸ DARKE, B. *Deficiente: o desafio da inclusão na igreja*. São Paulo: Hagnos, 2015. p. 20.

estão inseridos. É importante salientar que, inserido no âmbito institucional como a Igreja, o surdo passa a ter auxílio de um intérprete, este propicia a solução de um problema. Deve-se considerar que a interpretação da língua de sinais, por parte de um intérprete religioso, está intrinsecamente ligada à sua experiência religiosa.

Desde os anos 1970, as igrejas protestantes têm sido identificadas como um ambiente de formação de intérpretes de libras, surgindo os primeiros pesquisadores sobre o assunto e, especialmente, a consciência da importância da comunicação com os surdos através da língua de sinais. Não diferindo desta realidade, as Igrejas Batistas expandiram suas ações de evangelismo dentro dessa perspectiva da cultura surda.⁵⁹

Nesse sentido, compreende-se que o espaço religioso oferece ao surdo não apenas um ambiente de interação e divulgação da sua língua, mas de construção de identidade religiosa consolidando os dogmas batistas através da interpretação do discurso religioso para as línguas de sinais possibilitando aos surdos mais que o conhecimento destes dogmas, mas também as suas práticas, uma vez que estas foram esclarecidas ou mesmo ensinadas pelos intérpretes que cumprem a sua função ministerial.

1.3 O discurso religioso e as interações interpretativas para a língua de sinais

Segundo Foucault, a definição do termo discurso está associada à expressão dispersão, considerando o fato de que na sua formação os elementos não estão relacionados por nenhum princípio de unidade, ficando sob a responsabilidade da análise do discurso a definição de regras regentes da formação dos discursos. Tais regras são denominadas pelo francês *regras de formação*, estas, determinariam os elementos constitutivos do discurso, ou seja, definiriam o objeto, os tipos de enunciação, os conceitos e os temas e teorias.⁶⁰

Conforme Foucault:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência.⁶¹

⁵⁹ ASSIS, 2011, p. 125.

⁶⁰ BRANDÃO, 1993, p. 32.

⁶¹ FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 142.

A correlação entre as *regras de formação* caracterizam a *formação discursiva* de maneira singular, possibilitando a passagem do estado de dispersão para o de regularidade, atingida pela análise dos enunciados. A família dos enunciados, ou seja, objetos pertencentes a uma mesma formação discursiva conceberia o discurso. Quatro características constitutivas do enunciado são enumeradas pelo filósofo: a relação do enunciado com o seu correlato, a relação do enunciado com o sujeito, a existência de um domínio, a imersão do enunciado como sujeito.⁶²

As considerações do filósofo supracitado revelam que o discurso, na sua singularidade, na sua dispersão, através das formações discursivas, torna-se regular. O discurso, não apenas no contexto religioso, é tomado como um objeto que engaja o locutor e o locutário em um processo de comunicação, um tanto quanto persuasivo relacionando o fazer saber e o fazer crer.⁶³

Orlandi traz, em seus textos, alguns aspectos linguísticos do discurso religioso, tendo como base, dois critérios fundamentais: a interação, como os interlocutores do processo comunicativo consideram-se e o grau de transparência ou não dos enunciados proferidos. Assim, diante dos aspectos citados, pode-se ainda classificar o discurso, predominantemente, como: lúdico, polêmico e autoritário.⁶⁴

O lúdico é caracterizado pela dinamicidade dialógica e polissêmica entre o locutor e o locutário. Pode-se dizer que este seria a forma mais aberta e, de certa forma, democrática de discurso. Existe um menor grau de persuasão, tendendo, em alguns casos, ao quase desaparecimento do imperativo e da verdade única e acabada, portanto menos intuito de convencimento.⁶⁵

Etimologicamente o termo *lúdico* significa jogo, seria, pois, um tipo discursivo marcado pela dinâmica entre os interlocutores, com isso observa-se o movimento dialógico entre as pessoas discursivas: eu-tu-eu.⁶⁶

Enquanto que o polêmico é marcado pela defesa, a qualquer custo, de um ponto de vista, o grau de interação é menor e restrito. No discurso polêmico ver-se certo grau de instigação, considerando que esse tipo de discurso apresenta argumentos que podem ser contestados; o enunciador opera a uma abertura sob controle.⁶⁷

⁶² FOUCAULT, 2012, p. 47.

⁶³ FOUCAULT, 2012, p. 47.

⁶⁴ ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 152-153.

⁶⁵ ORLANDI, 1996, p. 155.

⁶⁶ ORLANDI, 1996, p. 155.

⁶⁷ ORLANDI, 1996, p. 155.

No autoritário, a relação entre os interlocutores é, na maioria das vezes, restrita, senão sempre, o que favorece a implementação de precedentes para que o exercício dominante seja instaurado sobre o outro, eis o discurso religioso, onde a relação é permeada do autoritarismo discursivo.⁶⁸

Citelli afirma que o paroxismo atinge certo grau de requinte que o emissor/enunciador não pode ser questionado, sequer analisado; ele representa ao mesmo tempo o tudo e o nada, dotando-se de signos marcados pela superposição. As instituições religiosas utilizam-se do discurso persuasivo, falam através dos signos fechados, monossêmicos, fazem uso dos discursos de convencimento.⁶⁹

Orlandi afirma existir no discurso religioso uma ilusão de reversibilidade, pois, enquanto no discurso dos homens há possibilidade de reversão no processo comunicativo, ou seja, é possível emissores e receptores interagirem, no discurso religioso tal interação torna-se impossível. Pode-se ainda considerar em relação ao discurso religioso:

Desnivelamento, assimetria na relação entre o locutor e o ouvinte – o locutor está no plano espiritual (Deus), e o ouvinte está no plano temporal (os adoradores). As duas ordens de mundo são totalmente diferentes para os sujeitos, e essa ordem é afetada por um valor hierárquico, por uma desigualdade, por um desnivelamento. Deus, o locutor, é imortal, eterno, onipotente, onipresente, onisciente, em resumo, o todopoderoso. Os seres humanos, os ouvintes, são mortais, efêmeros e finitos; Modos de representação. A voz no discurso religioso (DR) se fala em seus representantes (Padre, pastor, profeta), essa é uma forma de relação simbólica. Essa apropriação ocorre sem explicitar os mecanismos de incorporação da voz, aspecto que caracteriza a mistificação;

O ideal do DR é que o ‘representante’, o que se apropria do discurso de Deus’, não o modifique. Ele deve seguir regras restritas reguladas pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas liturgias. Deve-se manter distância entre ‘o dito de Deus’ e ‘o dizer do homem’;

A interpretação da palavra de Deus é regulada. ‘Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossímia’;

Dualismos, as formas da ilusão da reversibilidade: plano humano e plano divino; ordem temporal e ordem espiritual; sujeitos e Sujeito; homem e Deus. A ilusão ocorre na passagem de um plano para outro e pode ter duas direções: de cima para baixo, ou seja, de Deus para os homens, momento em que Ele compartilha suas propriedades (ministração de sacramentos, bênçãos); de baixo para cima, quando o homem se alça a Deus, principalmente, através da visão, da profecia. Estas são formas de ‘ultrapassagem’;

Escopo do discurso religioso. A fé separa os fiéis dos não-fiéis, ‘os convictos dos não-convictos’. Logo, é o parâmetro pelo qual delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso religioso em suas duas formações características: para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça.⁷⁰

Segundo a autora supracitada, os discursos religiosos mostram-se com estruturas rígidas e hierárquicas quanto aos papéis dos interlocutores, pois existem papéis/funções muito

⁶⁸ ORLANDI, 1996, p. 155.

⁶⁹ CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 11 ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 48.

⁷⁰ ORLANDI, 1996, p. 241.

bem definidas nas instituições religiosas. Os líderes detêm autoridade, na maioria das vezes, inquestionável, cujo discurso é sempre regulamentado e considerado legítimo pela instituição. É no discurso que se encontra o ponto de articulação entre o linguístico e ideológico. No espaço religioso específico é sugerido um acordo linguístico elementar sobre significados religiosos norteadores para tal espaço. Essa partilha é condicionada pela imposição de que se reconheçam as mesmas verdades e se sujeitem aceitando as regras de conformidades com os discursos oficiais, deste modo, a doutrina atrela as pessoas aos enunciados, proibindo-lhes outros.⁷¹

A linguagem, ou melhor, o ato, é compreendido, assim, como a proposição de um contrato de confiança discursivas entre os parceiros, que implica papéis ativos para ambos os agentes da enunciação comunicativa, cabendo ao emissor a persuasão, com intuito de apresentar como verdadeiro o objeto/discurso oferecido ao receptor, sendo de responsabilidade do enunciatário, a interpretação, que por sua vez é compreendida como um ato epistêmico, no qual, o discurso recebido é julgado e comparado com o que já se sabe e com o que já se crer.⁷²

Concernente ao fazer interpretativo, dois aspectos devem ser considerados no processo de reconhecimento: a *verdade* proposta no discurso e a *verdade* pertencente ao universo de crenças do enunciatário. Nesse sentido, a *verdade* do discurso é compreendida na perspectiva de efeito de sentido pertencente ao ato de linguagem.⁷³

O sentido é uma construção inter-relacional. O interlocutor é um elemento ativo na constituição do significado. Um sinal não o é isoladamente, ele está em um contexto de enunciação; não é inerte, o signo é dialético e dinâmico. No caso dos surdos, usuários da Libras, entre o locutor e o locutário existe o intérprete no processo de comunicação entre não ouvintes e ouvintes.⁷⁴

A interpretação exige o que Gile denomina de *esforço*, ou seja, os processos mentais como: ouvir e entender a mensagem na língua de partida; reproduzir esta mensagem na língua de chegada; arquivar e acessar informações na memória de curto prazo.⁷⁵

A interpretação em línguas de sinais é o meio adequado de possibilitar a interação do surdo na vida social, cultural e religiosa da comunidade ouvinte. Elas atendem as

⁷¹ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 42.

⁷² KOCH, I. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 128.

⁷³ GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993. p. 119.

⁷⁴ BAKHTIN, 2009, p. 41.

⁷⁵ GILE, D. *Conference and simultaneous interpreting*. Baker, M. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. Londres; Nova York: Routledge. 1998. p. 40-45.

especificidades do mundo surdo, adaptando-se à capacidade de expressão e de percepção essa comunidade. Os surdos necessitam dessa interpretação em diversas situações cotidianas e o intérprete da língua de sinais tem papel relevante na comunicação e interação social de pessoas surdas, por toda a complexidade que envolve a língua de sinais em contextos diversos.⁷⁶

Observa-se, no cotidiano dos surdos, a constante presença de intérpretes com trajetória religiosa, ou seja, indivíduos que iniciaram o seu primeiro contato com a Libras em instituições religiosas, atuando em muitas instâncias: escolas, movimento social, instituições universitárias, eventos políticos, palestras no geral, até mesmo na produção e organização de publicações que desempenharam funções de dicionário da língua de sinais antes mesmo de ter sido, oficialmente, reconhecida como língua. E nota-se que muitos têm atuado como professores intérpretes de libras.

O processo de interpretação apresenta características complexas, marcado por uma natureza singular e evanescente. Por isso, várias 'barreiras' amplificam o árduo trabalho do intérprete na intermediação do discurso entre dois idiomas: bagagem cultural, conhecimento de mundo, formação educacional, dentre outras.⁷⁷

Pode-se considerar ainda que no processo de interpretação existirá sempre uma lacuna entre o sentido total significado e o sentido total interpretado. A diferença, claro, é fornecida pelas estruturas cognitivas e pelo conhecimento efetivo do receptor. Como maioria dos sinais do contexto religioso são grandemente motivados externamente, esse elemento consiste principalmente em limitar o campo de aplicação dos sinais tornado convencional.⁷⁸

Entre o surdo e o intérprete acontece a interação de contato misto, ou seja, conversação entre normal e estigmatizado, este é o momento de fundamental interesse sociologicamente falando, em que os dois lados enfrentam as causas e os efeitos do estigma, tendo que manter a fachada. Neste encontro estigmatizado, a visibilidade imediata de um sinal identificador do estigma coloca o indivíduo surdo na condição de desacreditado, de indivíduo que necessita de intervenção divina, cabendo ao intérprete a tarefa de manipular a tensão do momento. Goffman considera o fato de o universo do indivíduo com atributos diferenciais estigmáticos, em questão, a surdez, está dividido por sua identidade social em três lugares: os considerados proibidos, no qual a presença é um chamamento à expulsão, pois não há

⁷⁶ QUADROS, 2004, p. 62.

⁷⁷ GESSER. A. *Tradução e interpretação da Libras II*. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 20.

⁷⁸ NOGUEIRA. T. C. *Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. p. 79.

profissionais intérpretes; os lugares onde há tratamento cuidadoso tendo em vista uma aceitação, a igreja e os lugares retirados, onde pode se colocar sem se preocupar com a aparência de rotina, com a surdez que tantos procuram imprimir não prestando atenção a ele.⁷⁹

A constituição da identidade do sujeito surdo está relacionada às práticas sociais, à uma língua determinada e às interações discursivas diferenciadas no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos e na igreja. Segundo observa Haroche:

Goffman vê na deferência ao mesmo tempo um conceito designando um tipo de comportamento, um sistema de regras de conduta, e um conceito susceptível de dar conta das interações que subtendem tanto as interações sociais as mais cotidianas, as insignificantes, 'as mímicas as mais fugazes', como os funcionamentos institucionais os mais estruturados e os mais visíveis nas sociedades.⁸⁰

Independente do ambiente ou situação social (conversação, relações em público não focalizadas e ocasiões sociais) que o indivíduo, surdo ou ouvinte, estejam, práticas sociais de comportamento (gestos, posturas e posições) são estabelecidas para melhor interação entre os sujeitos nas relações mais cotidianas. Um comportamento simbólico é assumido para expressar, nas normas de condutas destinadas a um ser beneficiário a apreciação que a ele é dirigida. Os participantes fazem uso de um agrupamento de gestos dotados de significação para marcar o início e o fim do período de comunicação e acreditação entre os sujeitos do discurso.⁸¹

É através da língua de sinais que os indivíduos surdos são capazes de comunicar-se com os demais, de construir e afirmar identidades, adquirindo e partilhando informações que possibilitam compreender o mundo. É nesse sentido que a Libras ocupa um papel essencial no processo interativo entre surdos e intérpretes nas instituições religiosas.

A história da comunidade surda relaciona-se a um mito fundador, que procura atribuir coesão aos surdos através de uma narrativa da humanidade na qual emergem como personagens protagonistas e sofredores. Por mais o indivíduo surdo tenha encontrado espaço

⁷⁹ ASSIS, 2012, p. 9-10.

⁸⁰ HAROCHE, C. Le comportement de déférence: du courtisan à la personnalité démocratique déférence. *Communications*, Paris, Seuil, n. 69. p. 5, 2000.

⁸¹ GOFFMAN, 2011, p. 41.

nas Igrejas, como sujeitos agentes, que sobem ao púlpito, que assumem posição de líderes nos eventos religiosos, o estereótipo histórico persiste.⁸²

Segundo Bourdieu, a religião pode ser concebida como um instrumento de comunicação e conhecimento, uma linguagem, um meio de simbólico e estruturante. Nas comunidades Batistas, através da Libras, os discursos, linguisticamente, se passam por acordos acerca de significados dos signos do contexto religioso (condicionados ao reconhecimento das mesmas verdades), assim, através desse compartilhar de sentidos entres os surdos e intérpretes, a doutrina religiosa vai sendo difundida.⁸³

Esses elementos apontam para uma aproximação dos primeiros intérpretes da língua de sinais com atividades assistencialistas voltadas ao voluntariado e à benevolência:

Dentro dos espaços religiosos, não era investido na formação desse profissional, compreendendo as questões linguísticas, culturais e éticas que a atividade de interpretar requer. Para esses trabalhos desenvolverem-se, a base era o voluntariado, perdurou durante muitos anos.⁸⁴

A comunicação em Libras é um dos aspectos fundamentais na afirmação repetitiva à cultura surda que conformam fronteiras simbólicas entre surdos e ouvintes. No entanto, nessa interação, surgem tensões entre os partícipes, tendo em vista que no momento da interpretação vários aspectos são postos em questão, conforme abordará o capítulo seguinte.

⁸² SANTOS, S. A. *Intérpretes de Língua de Sinais: um estudo sobre as identidades*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90455/243129.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

⁸³ BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 45.

⁸⁴ SANTOS, 2006, p. 48.

2 A TESSITURA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES

Surdos e intérpretes são atores sociais, interagem uns com os outros em contextos culturais e sociais. Sabe-se que é por meio da interação social que os indivíduos recebem conhecimento das regras de conduta necessárias para a vida em sociedade. Na interação social, percebemos o outro e as variadas situações sociais e, fundamentando-nos nelas construímos nossos conceitos, valores, crenças e atitudes.

Os intérpretes fazem a mediação do surdo da com o meio auxiliando no processo de integração social fazendo uso da L1, primeira língua dos surdos, a língua de sinais. Sabe-se que a língua é um fenômeno social, que pode estabelecer fronteiras individuais e coletivas, permeia a relação entre os indivíduos, a língua ocupa um lugar de destaque na formação dos sujeitos, marcando posições de pertencimento ou não a um determinado grupo.⁸⁵ A língua de sinais, para a comunidade surda é o lugar do encontro, da satisfação, dos movimentos, do pertencimento. Neste contexto, segundo Skliar

A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas de uso da mesma língua, já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolveram as competências linguísticas e comunicativa e cognitiva por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade de surdos.⁸⁶

Não obstante, surdos e ouvintes entram em estado de tensão em suas interações, visto que, a tarefa de interpretar desenvolvida pelo agente em questão é multifacetada. Interação pressupõe reciprocidade, comunicação sentimento de pertença. Sem conhecer a língua usada pelo outro a interação torna-se insatisfatória não possibilitando a socialização do sujeito. Contudo, para que a socialização seja possível, tal sujeito deve dominar a língua usada pelos indivíduos em questão. O intérprete por sua vez faz essa mediação proporcionando ao sujeito surdo sua interação social com os ouvintes.

Este capítulo apresentará os agentes mediadores da interpretação da língua de sinais inseridos nas igrejas batistas, bem como os agentes surdos que buscam inserir-se nos cultos dessas igrejas e por último discorrerá sobre a ação dos intérpretes concernente à mediação dos saberes guiando para a crença no discurso religioso.

⁸⁵ SAUSSURE, 2006, p. 22.

⁸⁶ SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. *Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 141.

2.1 Os agentes mediadores da interpretação religiosa para língua de sinais

No Brasil, segundo Quadros, no início dos anos 1980, a presença dos intérpretes de língua de sinais foi identificada nos trabalhos religiosos. Não é raro observar que a maioria dos intérpretes que atuam hoje como profissionais da Libras procede de algum segmento religioso.⁸⁷

Em consonância com os princípios teológicos apregoados pelos batistas, quanto às missões, vocação e chamado para o exercício de ministérios, existe o chamado específico para o trabalho com os surdos. Para Melo, para iniciar um ministério com surdos é necessário “mergulhar na vida do indivíduo surdo” o que se faz importante para adquirir a sua confiança, inserir-se em grupos e associações de surdos.⁸⁸ O intérprete religioso considera que a partir da confirmação do seu chamado por Deus, ele deve consagrar sua audição e suas mãos ao serviço voluntário do Reino. Os seus movimentos devem expressar com clareza as intenções cristãs de adoração e evangelização, uma vez que o seu corpo é um instrumento da Palavra de Deus.⁸⁹

Quando se reflete sobre a atuação dos agentes mediadores da interpretação, pode-se compreender com mais precisão a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua performance. Estes agentes são também intérpretes da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade, Padden afirma que

[...]em síntese, intérpretes de língua de sinais precisam administrar o ritmo durante a tradução: um sinal pode exigir muitas palavras para ser traduzido e, da mesma maneira, uma palavra pode não exigir muitos sinais para ser traduzida. Intérpretes de língua de sinais, frequentemente, encontram-se acelerando-se ou se retardando, tentando regular enquanto interpretam.⁹⁰

A língua de sinais é uma língua vista no outro, que necessita de movimentos do corpo, do espaço, e, especialmente, da visão na sua produção e para sua percepção, conduzindo ao pensamento que consiste em uma mera representação gestual universal, teatral, performática ou, ainda, simples reprodução manual de uma determinada língua falada ela tem

⁸⁷ QUADROS, R. M. de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEE, 2002. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

⁸⁸ MELO, 2017, p. 31-32

⁸⁹ ASSIS, 2012, p. 117.

⁹⁰ PADDEN, C. A. Simultaneous interpreting across modalities. *Interpreting*, n. 5, v. 2, 2000. p. 174.

a propriedade de reproduzir por semelhança o mundo real, como também, comunicar signos abstratos, independentemente de seu grau de subjetividade.⁹¹

Em sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*, Goffman usa o termo *representação* para se referir a toda atuação de um indivíduo que se caracteriza diante de um grupo particular de observadores e que se tem sobre eles qualquer tipo de influência, denominando de *fachada* toda a ação do indivíduo no momento da representação.

Será conveniente denominar de fachada a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.⁹²

Existe uma cadeia de responsabilidades em torno do intérprete, que, ao ser atravessado pela cultura do outro, precisa construir um universo de conhecimentos que lhe possibilite atuar representando com inúmeras estratégias a fim de executar com sucesso, os seus objetivos. Segundo Goffman se a atuação do indivíduo torna-se significativa para os outros ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir.⁹³

No espaço da comunicação religiosa em que se insere o intérprete, acontece uma multifacetada problemática da interpretação, pois além de preocupar-se com a exatidão das informações transmitidas na ocasião do discurso ele precisa analisar a disposição disciplinar, espacial e corporal que constituem o contexto imediato.⁹⁴

Nas igrejas Batistas, os intérpretes devem cumprir a ordem estabelecida pela congregação no que concerne a sua posição durante os cultos. Geralmente sentados nas primeiras fileiras do lado esquerdo estão os surdos e os intérpretes.

Na análise dos rituais das congregações batistas, mais do que pessoas, surdos, ouvintes e intérpretes, são posições de sujeitos ocupados em uma disciplina. No palco, geralmente do lado esquerdo, o intérprete de língua de sinais coloca-se em pé, interpretando para um código visual-gestual tudo que apreende como a totalidade sonora do culto.⁹⁵

O discurso utilizado para justificar essa disposição do ministério dos surdos nas cerimônias das igrejas Batistas é que os membros pertencentes a este ministério são

⁹¹ PINHEIRO, L. M. Língua de sinais brasileira: Libras I. São Paulo: Know How, 2010. p. 64.

⁹² GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 34.

⁹³ GOFFMAN, 2014, p. 43.

⁹⁴ ASSIS, 2012, p. 129.

⁹⁵ ASSIS, 2012, p. 130

indivíduos de cultura visual-gestual e necessitam de uma organização diferenciada em alguns aspectos tais como: vestimentas, pano de fundo, iluminação, assentos reservados, disposição de móveis entre outros, que possibilite a compreensão da palavra ministrada pelo pregador, bem como de toda a liturgia, como testemunhos, leituras bíblicas, orações, louvor e avisos sem que haja interrupções que comprometa a qualidade da performance do intérprete.

Essa marcação de espaço dos *surdos* em meio a uma congregação de *ouvintes* serve para a constituição de fronteiras simbólicas sempre situacionais entre membros em termos de audição, *língua e cultura*. Certamente o intérprete funciona como um aparato tecnológico fundamental para esta disciplina.⁹⁶

Conforme Goffman a decoração e os acessórios de um determinado lugar onde uma representação particular é comumente feita, bem como os atores e o espetáculo geralmente ali encontrados, contribuem para fixar uma espécie de encantamento sobre ele.⁹⁷

O livro *O clamor do silêncio* produzido pela Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira traz considerações a respeito dessa organização necessária concernente ao exercício do ministério.

A igreja precisará entender e aceitar o estilo próprio da cultura do surdo para o seu melhor relacionamento com Deus. Os ouvintes apreciam a música pelo ouvir, conseguindo com isto o enlevo espiritual. O surdo, por sua vez, não tem a audição como recurso para isso, precisando visualizar pelos movimentos, sentir a música através das vibrações. O intérprete, então, torna-se responsável por passar essa música com expressões córporo-faciais para transmitir a beleza e a musicalidade do louvor.⁹⁸

Como um auxiliador do surdo na prestação do culto, o intérprete religioso deve valorizar as particularidades específicas de cada identidade surda presente no ritual religioso em questão, levando em consideração a diversidade que envolve a comunidade surda, pois nem sempre as pessoas com surdez que frequentam os cultos batistas são usuárias da Libras ou são fluentes na língua de sinais.

É necessário, que o intérprete religioso, além de conhecer a Bíblia e os dogmas das Igrejas Batistas, estude a língua, a sua evolução e técnicas de interpretação, que ele participe de alguma associação de surdos, envolvendo-se em ambientes de convivência.⁹⁹

O intérprete torna-se referência na comunidade surda, principalmente quando ele é um bom articulador das mãos, e possui um relacionamento estabelecido com os surdos. Na

⁹⁶ ASSIS, 2012, p. 133.

⁹⁷ GOFFMAN, 2014, p. 117.

⁹⁸ JUNTA DE MISSOES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 1991. p. 23.

⁹⁹ MELO, 2017, p. 32.

igreja ele se coloca como o mediador do discurso e suas ideias são organizadas em língua de sinais e simultaneamente transmitidas aos surdos. Neste momento são percebidos não apenas os gestos, mas também as expressões faciais, componentes não manuais da língua que o auxiliem na transmissão do discurso. Para Brito, a expressão facial ou o movimento do corpo são parâmetros importantes para diferenciar significados e auxiliar na *performance* do intérprete para a manutenção da fachada positiva.¹⁰⁰

Nesta perspectiva, Goffman considera que

O indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agir de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores, respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes não será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social ou tradição na qual pertença.¹⁰¹

Observa-se que os agentes com trajetória religiosa circulam em domínios diversos que circundam o cotidiano dos surdos. Estes agentes religiosos, movidos pela missão do evangelismo buscam as comunidades surdas, compreendida por conjunto de fatores que compõem a vida do surdo, desde a sua família até as complexidades de sua língua e cultura, com o objetivo de engajar-se e obter a confiança, a amizade e o respeito desses indivíduos.¹⁰²

De acordo com Santos, a perspectiva assistencialista parte da visão de que alguns intérpretes asseguram ter recebido um dom, uma missão designada por Deus para o ministério com os surdos e com a interpretação da língua de sinais.¹⁰³

A questão da vocação, da missão serve como estratégia para trabalhar em ‘prol’, ‘em favor’ das pessoas surdas. Parte-se da premissa que esse grupo é desvalorizado e discriminado pela sociedade em geral e que os mesmos, nessa perspectiva, precisam da ajuda de pessoas que conheçam a língua de sinais e de intérpretes de língua de sinais para que tenham o mesmo nível de formação e informação.¹⁰⁴

Em sua abordagem interacionista, Goffman considera que indivíduos, em encontro de interação, pretendem adquirir informação a respeito do outro visando antecipar e estabelecer as suas expectativas para, em um determinado encontro social, definir qual a melhor maneira de atuar, ou seja, escolher a personagem que utilizará ao longo do encontro de interação. É importante assegurar que o autor considera a interação como um fenômeno face-

¹⁰⁰ BRITO, L. F. *Por Uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p. 41.

¹⁰¹ GOFFMAN, 2014, p. 67.

¹⁰² MELO, 2017, p. 3.

¹⁰³ SANTOS, 2006, p. 47.

¹⁰⁴ SANTOS, 2016, p. 47-48.

a-face de sujeitos envolvidos que procuram através da performance a melhor maneira de agir diante de determinada situação.¹⁰⁵

Esta situação também pode ser percebida quando os intérpretes buscam conhecer antecipadamente os temas das mensagens que serão ministradas, as músicas selecionadas, bem como as leituras que serão proferidas no decorrer do culto que ele irá interpretar, a fim de analisar e organizar sua performance. A presença do teatro como parte constitutiva da dinâmica de apresentação das narrativas bíblicas também possibilitam o espaço do lúdico na composição interpretativa da língua de sinais.¹⁰⁶

Como forma de intensificar as interações entre os membros do ministério, os intérpretes religiosos promovem eventos como acampamentos, congressos, intercâmbios, teatros, a fim de mobilizar a comunidade surda, integrá-los e promover crescimento espiritual. Outra atividade que se tornou bastante comum foi a promoção de cursos básicos de formação de novos intérpretes nas igrejas, objetivando atrair a comunidade surda para suas cerimônias religiosas e posteriormente tornar essa comunidade evangelizada e participante da igreja local.¹⁰⁷

Goffman afirma que à medida que a interação dos participantes progride, ocorrerão, sem dúvida, acréscimos e modificações no estado inicial das informações¹⁰⁸. Considera-se, portanto, que os intérpretes, mediadores do discurso religioso, possuem significativa proeminência na vida e no cotidiano dos surdos quando intensificam suas relações não somente concentrando suas atividades com eles dentro do espaço religioso, mas em outras atividades e em diversas necessidades exijam a presença do intérprete.

2.2 Os surdos que buscam inserir-se nos cultos das Igrejas Batistas

Em um universo onde a sonoridade predomina, o ouvir e o falar são essenciais e alguma outra forma de manifestação linguística e cultural que não sejam constituídos por essas categorias causa estranheza, padece restrições e suscitam processos de exclusão social. O estereótipo sobre o surdo não acolhe o ser surdo, ao contrário, faz com que as pessoas se

¹⁰⁵ GOFFMAN, 2014, p. 22- 23.

¹⁰⁶ MELO, 2017, p. 53.

¹⁰⁷ MELO, 2017, p. 39-41.

¹⁰⁸ GOFFMAN, 2014, p. 23.

oponham, às vezes, indiretamente, disfarçadamente e evite a construção da identidade surda, cuja representação é o estereótipo da sua composição desvirtuada e inadequada.¹⁰⁹

No tocante aos surdos, essa situação se avoluma em diversas situações neste contexto Amaral considera que

[...] a dificuldade de ser surdo numa sociedade que teima em generalizar os seus próprios padrões a todos sem o respeito e a atenção devidos à diferença. E a diferença entre um surdo e um ouvinte reside tão só na ausência ou existência do sentido da audição, respectivamente; e desta ‘pequena’ diferença resulta que os que são surdos não ouvem, logo não têm acesso à língua oral; se quisermos especificar melhor acrescentaremos que a língua oral não pode ser a língua natural do surdo profundo porque a privação ou danificação do órgão da audição não lhe permite a sua apreensão.¹¹⁰

Dentro do universo ouvinte, a condição da surdez é notada como categoria estereotipada, uma vez que a diferença se sobrepõe à semelhança de todos os outros.

É também partindo desse estereótipo social que o sujeito surdo se constitui, afirmando-se e/ou opondo-se dialeticamente, ou seja, é com base nas significações produzidas através das relações sociais, envolvendo esta, em grande parte, a relação com os ouvintes, que o surdo constrói seu autoconceito. Essa significação não se dá somente pelo que verbaliza ou deixa de verbalizar, seja isso concretizado por sons ou gestos, mas também pelo lugar social que é atribuído a essas pessoas nas relações e pelas situações de desvantagem a que são submetidas numa cultura hegemonicamente auditiva.¹¹¹

Sabe-se que a surdez não consiste apenas em uma deficiência sensorial, mas, sim, em algo mais complexo. Para Almeida, o drama dos surdos é menos ligado à sua enfermidade do que às razões psicológicas, estas, velozmente se modificam em implicações patológicas. A causa desse drama está intrinsecamente atrelada à postura discriminatória da sociedade que não o vê como diferente, e sim, como deficiente causando isolamento e discriminação.¹¹²

A autora surda Labourit ressalta o seu desejo de que e os ouvintes se esforcem para entender os surdos: “Quero entender o que dizem. Estou enjoada de ser prisioneira desse silêncio que eles não procuram romper. Esforço-me o tempo todo, eles não muito. Os ouvintes não se esforcem. Queria que se esforçassem”.¹¹³ Com base nessa afirmação observa-

¹⁰⁹ PERLIN, G. T. T. Identidade surda. In Skliar, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 54.

¹¹⁰ AMARAL, M. A. Refletindo sobre a reabilitação de surdos. *Integrar*, nº 2, Set. 93. Lisboa: IIEFP/SNR 1993. p. 27.

¹¹¹ CROMAK, E. M. P. da C. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. *Psicol. cienc. prof.* 2004, v. 24, n.4, p. 68-77. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000400009>>. Acesso em 28 jan. 2019.

¹¹² ALMEIDA, E.O.C. Leitura e surdez: um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro: *Revinter*, 2000. p. 3.

¹¹³ LABOURIT, E. *O voo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994, p. 39.

se o constante esforço dos surdos para serem inseridos em uma sociedade que é marcada por exclusões dos diferentes. Ser igual é a forma de ser aceito e bem quisto, é a forma mais comum de conseguir fazer parte e se envolver. “Os surdos, muitas vezes, foram usados, deslocados e colocados em situação de desconforto social que lhes causou muito sofrimento e tudo isso muito mais por não serem usuários de uma língua oral do que por serem surdos”.¹¹⁴

Por muitos anos os termos empregados para designar pessoas com surdez eram deficiente auditivo e surdo-mudo. Porém a partir da compreensão de que necessariamente o sujeito surdo não possui um comprometimento no aparelho fonador e tampouco de ordem neurológica que o impeçam de falar, certamente, os surdos não são obrigatoriamente mudos, ficando, portanto clara a rejeição do termo surdo-mudo. O termo deficiente auditivo, também é rejeitado pelo fato de encontrar-se associado à concepção clínica da surdez, identificando a falta da audição como componente fundamental do sujeito.¹¹⁵ Neste contexto, surge o termo surdo para designar um grupo com peculiaridades étnico-linguísticas. Assis, antropólogo e pesquisador da cultura surda, observa a tensão em torno dessas categorias afirmando:

Contudo, apesar de a categoria surdos ser utilizada quase que com unanimidade entre os agentes sob análise (religiosos, ativistas políticos e intelectuais), em certos contextos a categoria deficiente auditivo é mais legítima, sobretudo em âmbitos do Estado que tratam da questão da deficiência em geral (Saúde, Educação, Trabalho, entre outros), bem como no mundo corporativo, para o preenchimento de vagas para pessoas com deficiência. Ou seja, apesar de a categoria surdos se impor como legítima, há uma notória tensão contemporânea entre as categorias surdo e deficiente auditivo, e, também, entre surdez e deficiência auditiva.¹¹⁶

Skliar afirma que os surdos compõem uma comunidade linguística minoritária, caracterizada por partilhar uma língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituírem-se em comunidade denota que compartilham e reconhecem os seus usos, visto que interagem cotidianamente em um processo comunicativo e eficiente. Eles desenvolveram as competências linguísticas, comunicativas e cognitivas, através do uso da língua de sinais pertencente a cada comunidade de surdos.¹¹⁷

O autor supracitado considera que pessoas com dificuldade em entender a existência de uma cultura surda comumente pensam que não há nada fora de sua própria referência

¹¹⁴ HONORA, M., FRIZANCO, M.L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. II Título, São Paulo, Ciranda Cultural, 2009. p. 25.

¹¹⁵ ASSIS, 2012, p. 25.

¹¹⁶ ASSIS, 2012, p. 26.

¹¹⁷ SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. *Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 105.

cultural, elas apreendem a cultura surda como uma anormalidade, uma irrelevância. Geralmente essas pessoas desconhecem os processos e os produtos dessa cultura surda.¹¹⁸

A língua de sinais é considerada um componente fundamental para a abordagem cultural da surdez, pois ela é responsável pela consolidação de uma diferença linguística que permite a reivindicação de uma cultura e identidades próprias.

A cultura surda tem na sua língua de sinais mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. Diferentes entre si, correspondendo aos diversos países em quais pertencem, elas constituem um fator poderoso de identificação entre as muitas culturas surdas por sua modalidade espaço-visual.¹¹⁹

A comunidade surda, assim intitulada por vários autores e pesquisadores, sendo designada, conceituada e descrita como parte essencial para a constituição dos sujeitos surdos é apreendida como um componente da cultura surda.

Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços.¹²⁰

Os sujeitos surdos vivem em um mundo totalmente visual-gestual, seu cognitivo se desenvolve de um modo completamente visual. Por viverem em uma comunidade onde eles são minoria, as chances de acontecer uma comunicação inadequada são grandes, resultando em consequências para o crescimento intelectual, social, emocional e espiritual. Para Strobel a cultura surda é a maneira de o sujeito surdo entender o mundo, de transformá-lo com a finalidade de torná-lo acessível, abrangendo a sua língua, ideias, crenças, costumes e hábitos.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.¹²¹

A comunidade surda distingue-se por ter uma língua de modalidade espaço-visual, que possui um olhar de mundo totalmente diferente da modalidade oral-auditiva. E apresenta

¹¹⁸ SKLIAR, 1997, p. 28-29.

¹¹⁹ CAMPOS, D. W. ; STUMPF, M. R.. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. PERLIN, G.; STUMPF, M. R. *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporânea*. Curitiba: CRV, 2012, p. 177.

¹²⁰ STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 31.

¹²¹ STROBEL, 2008, p. 22.

costumes, história, cultura e estrutura social próprias, que a distinguem e a caracterizam das demais comunidades.

Os Surdos, que frequentam esses espaços de surdos, convivem com duas comunidades e cultura: a dos surdos e a dos ouvintes, e precisam utilizar duas línguas; a libras e a língua portuguesa. Portanto, numa perspectiva sociolinguística e antropológica, uma comunidade surda não é um 'lugar' onde pessoas deficientes, que têm problemas de comunicação se encontram, mas um ponto de articulação política e social porque, cada vez mais, os Surdos se organizam nesses espaços enquanto minoria linguística que lutam por seus direitos linguísticos e de cidadania, impondo-se não pela deficiência, mas pela diferença.¹²²

Os sujeitos surdos possuem identidade surda, que se apresenta de formas diferenciadas. Essa identidade está diretamente vinculada com a comunicação, que é um referente pelo qual o surdo é identificado.

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.¹²³

Perlin identificou determinadas características das pessoas surdas, categorizando-as em dimensões de identidades surdas. De maneira resumida, pode-se compreender conforme a autora define que identidade surda, definem aqueles que usam os sinais visuais na comunicação, aceitam-se como surdos, passam aos outros a forma da cultura surda, usam tecnologias para o mundo visual e apresentam uma maneira diferenciada de se relacionar com outras pessoas; Identidades Surdas Híbridas, são os surdos que nasceram ouvintes e, por algum motivo ou doença, ficaram sem audição, alguns destes, dependendo da idade, já adquiriram o português ou uma língua oral, como língua após a surdez, e usam as duas línguas, lidam melhor com a escrita em português, assumem-se como surdos e também fazem uso de tecnologias e de intérpretes; Identidades Surdas Flutuantes são os sujeitos surdos que não possuem contato com a comunidade surda, adotam a cultura ouvinte e são levados a essa identificação, rejeitando a presença do intérprete, são oralizados, oferecem resistência à cultura surda, usa sempre o aparelho auditivo e é a maior vítima da cultura ouvintista; Identidades Surdas Embaçadas, essa é a representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural, são surdos que não têm contato com libras

¹²² FELIPE, T. A. *LIBRAS em contexto*: curso básico: livro do estudante. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007, p. 110.

¹²³ PERLIN, G. T. O lugar da cultura surda. Em A. S. Thoma & M. C. Lopes (Orgs.), *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 73.

e não conseguem apreender a representação do ouvinte, são pessoas vistas como incapacitadas, vivem numa situação de deficiência total, muitas vezes são considerados como deficientes mentais pelos familiares e comunidade; Identidades Surdas de Transição são surdos que se afastaram da comunidade surda e que estão em transição entre uma identidade e outra; Identidades Surdas de Diáspora divergem das identidades de transição, são surdos que passam de um país para outro, de um estado para outro, de um grupo surdo para outro; Identidades Intermediárias são os surdos que nem sempre captam as mensagens pela experiência visual, precisam de outros recursos, que não os definem como identidade surda.¹²⁴

Muitos desses surdos possuem surdez com porcentagem de leve a moderada, apreciam o uso do aparelho auditivo, buscam treinamentos de fala e por vezes, não aceitam intérpretes de libras, estes surdos podem viver em meio a muitos conflitos, com dificuldade para descobrir sua identidade, visto que não se consideram nem surdos, nem ouvintes.¹²⁵

Nas Igrejas Batistas, frequentam surdos que procedem das variadas identidades supracitadas, podendo fazer parte do ministério quando a sua cultura surda é aceita, ou se distanciando, tanto do ministério, quanto da congregação, por não se sentirem integrantes da mesma ao rejeitarem a presença do intérprete visto que não se aceitam como surdos.

Sabe-se que o intérprete possui uma importância valiosa nas interações entre surdos e ouvintes, a seguir será discutido sobre a atuação do intérprete no tocante ao exercício da interpretação religiosa e sua interação face-a-face com o surdo.

2.3 Mediando saberes e guiando para a crença no discurso religioso

A produção discursiva do surdo é distinguida pela necessidade de intermediação, vinculando a produção de sentido ao discurso do outro. Nesse ambiente é que atua a figura do intérprete como agente no processo discursivo e ideológico, até certo ponto, irremediável em determinadas conjunturas formais de comunicação.¹²⁶

Os intérpretes se interpõem entre línguas e culturas, como mediadores que assumem o espaço de tensão das distintas vozes, no caso, a dos surdos, dos ouvintes e de sua própria voz, contudo um dos principais dilemas do intérprete concentra-se no conflito de

¹²⁴ PERLIN, 2004, p. 74.

¹²⁵ PERLIN, 2004, p. 75.

¹²⁶ SILVA, I. R., KAUCHAKJE, S. GESUELI, Z. M. (org). *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2006. p. 240-242.

representação fidedigna do contíguo dessas vozes, e, por conseguinte, em sua responsabilidade com a tradução.¹²⁷

O intérprete se posiciona em um espaço que nem sempre é confortável, pois ele vivencia relações de tensão cultural, de estudos e interpretação de signos que nem sempre são traduzíveis, de enunciar as diferenças culturais por meio da interpretação, que por inúmeras vezes se torna limitada. Ele toma a posição do sinalizador ou do enunciador, transmite pensamentos, palavras e emoções unindo as duas modalidades de comunicação.¹²⁸

[...] o tradutor-intérprete atua na fronteira entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo, com os processos de interpretação relacionando-se com o contexto no qual o signo é formado. O sentido do enunciado é construído na interação verbal, e é atualizado no contato com outros sentidos, na relação estabelecida entre interlocutores. A interpretação é um processo ativo, que procede de sentidos que se encontram, existindo, apenas, na relação entre sentidos, como um elo numa cadeia de sentidos. Pode-se dizer assim que a interpretação se revela na multiplicidade de sentidos existentes.¹²⁹

Os intérpretes de língua de sinais lidam com uma questão crucial que é sua exposição face-a-face com o sujeito sinalizante/ouvinte, um retorno imediato durante as interpretações, uma linguagem corporal que pode denotar sucesso ou insucesso dependendo das escolhas realizadas para a produção da mensagem na língua alvo, considerando que, na maioria das vezes, as interpretações são de ordem simultânea. O intérprete realiza no ato do reconhecimento e compreensão da mensagem escolhas de acordo com suas decisões de ordem lexical, semântica e sintática, sua competência linguística, sua cosmovisão, crenças e experiências profissionais resultarão em uma resposta positiva ou negativa com relação ao discurso produzido na língua alvo.¹³⁰

Em situação face-a-face com o surdo, o intérprete tem que dar conta de formular todas as informações contidas no contexto do discurso. Para tanto será necessário um momento de planejamento, de organização destas informações com base nas suas competências para conseguir transmiti-las na língua alvo.

A perspectiva da interação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa

¹²⁷ SILVA, 2006, p. 241.

¹²⁸ PIRES, C.L.; NOBRE, M.A. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: THOMA, A.S.; LOPES, M.C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 167.

¹²⁹ LACERDA, C. B.F. de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. *Cad. CEDES*. 2000, v. 20, n. 50, p. 6.

¹³⁰ QUADROS, 2002, p. 79.

que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical.¹³¹

Durante anos, os intérpretes afirmavam conservar uma postura neutra no processo da interpretação, porém estudos sociolinguísticos comprovaram que os intérpretes de língua de sinais não conseguem simplesmente agir de maneira mecânica como se fossem “canais neutros” por onde atravessam os discursos. Certamente tais agentes possuem o poder de influenciar o discurso, uma vez que a presença deste atua sobre a interação dos participantes.

Um profissional intérprete (embora, não exista uma neutralidade total em sua função e por isso o uso de aspas) deverá sempre usar de ‘neutralidade’ em suas atuações, atitudes corporais e entonações de voz, da maneira mais neutra possível, para que o discurso do apresentador não seja deturpado, mal interpretado, ou pior, seja o contrário daquilo que é da intenção do apresentador.¹³²

Os saberes insurgem no ato da interpretação no momento em que o intérprete é atravessado pelos significantes da cultura surda, o que lhe permite a construção de uma gama textual com implicações relevantes. O processo de construção de um imaginário que não acontece desvinculado do olhar do outro para se compor implica uma constituição ética.

No momento de interação nas instituições religiosas, o intérprete deve estar cômico às suas responsabilidades durante o ato da interpretação, tendo em vista que neste tipo de interação, a regra de envolvimento exige um pouco mais de atenção para acessibilidade ao outro, podendo apresentar um determinado conflito entre aquilo que acredita ser e o ato interpretativo, dentro dos princípios éticos da neutralidade, e o que, realmente, acontece em sua prática. Entretanto, não é plausível que o produto de sua interpretação sofra interferências pessoais como: opiniões, pontos de vista, crença. Os atores, surdos e intérpretes, buscam nesse encontro de interação adquirir um tipo de envolvimento que pressuponha a maneira de estar e se portar em público, a mais conveniente possível, ao mesmo tempo, à cortesia e à indiferença.

Ao analisar a atuação do intérprete pode-se compreender que nessa posição conflituosa, é essencial ressaltar que o seu compromisso ultrapassa a aparente e simples função de facilitar a comunicação ao permitir o acesso à informação de uma língua-fonte para uma língua-alvo. Eles imprimem sua subjetividade e sua forma de ler e criar significantes em

¹³¹ QUADROS, 2002, p. 80.

¹³² SANDER, R. Questões do intérprete da língua de sinais na universidade. In: LODI, A. C. B., HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 131.

suas traduções. Os intérpretes, por diversas vezes, encontram-se submergidos em dúvidas e tensões, uma vez que:

Se interpõem entre línguas e culturas, como mediadores que assumem o lugar de tensão das diferentes vozes, a dos surdos, dos ouvintes e de sua própria voz. Um dos principais dilemas do intérprete de língua de sinais, ao intermediar uma relação no ato tradutório, gira em torno do conflito de representação fidedigna do conjunto dessas vozes e consequentemente da sua responsabilidade com a tradução.¹³³

O intérprete ouve a voz e, esta, rapidamente, precisa ser expressa em uma forma, em um movimento, em uma língua viso-espacial. Segundo Goffman é preciso evitar o silêncio demasiadamente longo para a manutenção do envolvimento de cada um, pois quando isso ocorre demonstra que os indivíduos presentes no ato discursivo não têm nada em comum e que são incapazes de saber o que dizer. No caso, em questão, o intérprete, ao receber a informação, tem um tempo extremamente curto para a transmissão fidedigna da mensagem recebida.¹³⁴

A dimensão das perdas durante o processo de tradução de línguas com modalidades distintas se constitui em algo difícil para os intérpretes de língua de sinais. Interpretações sugerem em transposição não apenas de línguas, mas de corpos, de fragmentos, de composição de imagens, com decorrências subjetivas.¹³⁵

O intérprete neutro é visto como aquele que conserva suas concepções afastadas de seu discurso interpretativo, que não faz interferências pessoais no decorrer desse ato comunicativo e não produz nada além do que a informação “limpa” oriunda da língua fonte nesse texto de chegada. Ele se mantém imparcial e fiel em relação ao texto de partida. Contudo, para Perlin, os intérpretes apresentam suas próprias particularidades, e identidade no ato da interpretação.¹³⁶

Segundo Goffman, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão da qual lhe interessa transmitir. Em se tratando dos intérpretes religiosos, a sua atuação comunicativa não está dissociada de suas crenças, quando este intérprete acompanha os surdos em outras situações

¹³³ MASUTTI, M. L. *Intérpretes de língua de sinais: processos de subjetivação*. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p. 144-145.

¹³⁴ GOFFMAN, 2012, p. 35.

¹³⁵ LEITE, E. M. C. *Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva*. Petrópolis: Arara azul, 2005. p. 58.

¹³⁶ PERLIN, G. T.T. A cultura surda e os intérpretes de línguas de Sinais. *Educação Telemática Digital*. Campinas. v. 7. n. 2, p. 135-146. Jun. 2006.

que necessitam de sua intervenção comunicativa, o seu compromisso em manter a integridade com a sua crença e o seu ministério torna-se imbricado na tarefa de interpretar.¹³⁷

Para o referido autor, os valores institucionais determinam o modo como os participantes de uma determinada situação interativa se portam com relação a diversos assuntos.

Os valores culturais de uma instituição determinarão em detalhe o modo como os participantes se sentirão respeito de muitos assuntos, e ao mesmo tempo estabelecerão um quadro de referencia de aparências, que devam ser mantidas, quer existam ou não, sentimentos por trás delas¹³⁸.

Quando pessoas entram na presença de outras, elas adotam papéis e são participantes do que o que Goffman denomina de ocasião social, que acontece em um determinado local e tempo, facilitados por equipamentos fixos, que permitem, ou seja, que possibilitem um padrão de conduta como adequado para o local, como o de uma instituição religiosa.¹³⁹

O autor frente às interações sociais e da representação do *eu* nestes encontros *face to face* faz uma analogia com o teatro, todos os envolvidos fazem parte de um grande espetáculo.

No palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A plateia constitui um terceiro elemento da correlação. Elemento que é essencial, e que, entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá. Na vida real, os três elementos ficam reduzidos a dois: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia.¹⁴⁰

A interação possibilita a influência recíproca dos indivíduos sobre suas ações. O intérprete em uma determinada situação intenciona transmitir informações que favoreçam suas crenças agindo de acordo com a impressão que quer passar, às vezes com atitudes pensadas, levando à reação específica que deseja obter, e também calculadamente, mas sem notar que está agindo assim, porque o seu meio de convívio exige essa expressão.¹⁴¹

A teoria de Goffman pode se constituir uma base para compreender a ação do intérprete no contexto interativo. Para Goffman, existem comportamentos inconscientes na conversação que são aprendidos e conduzidos por regras. Ele os denomina de ritualização, que incluem informações gestuais, tais como lance de olhar, mudança corporal; informações

¹³⁷ GOFFMAN, 2014, p. 13.

¹³⁸ GOFFMAN, 2014, p. 260.

¹³⁹ GOFFMAN, 2014, p. 28.

¹⁴⁰ GOFFMAN, 2014, p. 10.

¹⁴¹ GOFFMAN, 2014, p. 15-16.

orais, tais como entonação pausas, reinícios de enunciados. Esses comportamentos são próprios do discurso interativo e subsídios importantes para os interlocutores em questão.¹⁴²

Eles são usados frequentemente na interação como estratégias para envolver o receptor durante o recontar de eventos ou experiências prévias, empregando a linguagem de modo teatral, com o intento de auxiliá-lo a inferir sentidos não expressos verbalmente. Qualquer expressão deve ser entendida como algo que desempenha um papel comunicativo no momento da interação social, na igreja ou em qualquer ambiente social de interação. O intérprete deve transmitir à plateia o que lhe é devido, de modo coerente e significativo para que aconteça a compreensão do discurso.

O capítulo seguinte explanará a pesquisa realizada com surdos e intérpretes, esclarecendo, através da participação desses sujeitos, as tensões que permeiam as interações sociais entre eles.



¹⁴² GOFFMAN, 2014, p. 41.

3 TENSÕES QUE PERMEIAM AS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE SURDOS E INTÉRPRETES

Sabe-se que, historicamente, o intérprete da língua de sinais está ligado à religião. Porém, outros desafios vêm transcorrendo com a questão da inclusão do surdo em diversas áreas da sociedade. Muitos deles, além do Ensino Básico têm adentrado no Ensino Superior e têm conseguido empregos que os possibilitam cada vez mais o contato com ouvintes. Com isso, a necessidade do intérprete bem como de professores da língua de sinais tem crescido nos últimos anos. O intérprete de Libras tem sido requisitado para atuar em vários campos da sociedade: nos campos da educação, saúde e da área jurídica. Neste contexto, muitos intérpretes religiosos acabaram se profissionalizando e trabalhando remuneradamente, interpretando em Escolas e Faculdades ou ensinando a língua de sinais.¹⁴³

A relação entre o intérprete religioso e o surdo não é marcada pelo interesse meramente técnico, cujo propósito é transmitir a mensagem mecanicamente cumprindo uma atribuição meramente profissional, embora muitos deles trabalhem como intérprete profissional, a sua atividade no espaço religioso e/ou profissional vai além de uma atribuição técnica de transmissão do enunciado da língua fonte para a língua alvo. Goffman assevera que

Uma fonte comum de consciência da interação está relacionada com a responsabilidade especial que um indivíduo pode ter para que a interação ‘caminhe bem’, quer dizer, evocar o tipo apropriado de envolvimento daqueles presentes.¹⁴⁴

Para Goffman, não existe participante neutro na interação, pois cada um tem o seu status de participação específico na conversa. Tal premissa pode ser constatada na interação do indivíduo surdo e do intérprete religioso, sendo que este último se sente responsável pela vida espiritual do surdo e por seu comprometimento com os valores de sua religião.

Este capítulo descreverá a relação entre a missão religiosa e a atividade dos intérpretes que se profissionalizaram na língua e atualmente trabalham como intérpretes fora do espaço religioso. Abordará sobre as fronteiras situacionais no cotidiano dos surdos e intérpretes promovendo conflitos, e por último, descreverá as negociações que atenuam as tensões entre surdos e intérpretes. Informações advindas da pesquisa de campo, através do questionário semiestruturado, aplicado aos intérpretes e da pesquisa ação, entrevista realizada com os surdos.

¹⁴³ QUADROS, 2004, p. 14.

¹⁴⁴ GOFFMAN, 2014, p. 118.

Os intérpretes religiosos, que responderam os questionários, foram no total de 10 pessoas, 03 homens e 07 mulheres, na faixa etária de 21 a 44 anos. Dentre eles, 09 trabalham profissionalmente além de trabalharem no ministério e somente 01 interpreta apenas na igreja. 04 são intérpretes de Libras - Português, 05 são intérpretes de Libras em faculdades e escolas. Quanto ao grau de escolaridade, 09 são especialistas e apenas 01 tem o superior incompleto. Os entrevistados possuem entre 08 e 22 anos de ministério com surdos.

Os surdos que participaram das entrevistas foram no total de 10 pessoas, 05 homens e 05 mulheres, na faixa etária de 18 a 44 anos. Dentre eles, 02 são instrutores de Libras, 02 trabalham no comércio, 03 são donas de casa, 02 são estudantes e 01 professora universitária. Quanto ao grau de escolaridade, 01 possui o fundamental I, 04 possuem o fundamental II, 02 possuem o ensino médio, 02 possuem o superior incompleto e 01 possui mestrado. Os entrevistados têm entre 3 e 20 anos de participação no ministério de surdos da igreja em que frequentam.

Os dados obtidos das análises dos questionários e das entrevistas, para sigilo da identidade dos partícipes (tanto intérpretes, quanto surdos) serão identificados pelas respectivas letras EI e ES e a ordem numérica de aplicação das entrevistas. Exemplo: EI1 (Entrevistado Intérprete 1) e ES1 (Entrevistado Surdo 1).

3.1 Entre a missão religiosa e a atividade profissional

Muitos intérpretes que aprenderam a língua de sinais em cursos oferecidos pela igreja, ou mesmo na interação com os surdos que passaram a frequentar o mesmo espaço religioso, acabaram se profissionalizando e seguindo a carreira de intérprete profissional ou então de professor da língua de sinais, como já fora dito anteriormente. Durante a pesquisa constatou-se que a maioria dos partícipes trabalha em instituições de ensino exercendo a função de intérprete ou de professor da língua de sinais. Para Quadros, o intérprete de Libras que atuava no campo religioso, fazendo o papel de voluntário, num vínculo aproximado com o sujeito surdo, não tinha tanta visibilidade ou reconhecimento, porém, a participação de surdos nas discussões sociais representou e ainda representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais.¹⁴⁵

[...] os intérpretes não tinham o status profissional que hoje possuem, mas muitos daqueles intérpretes que atuavam nesses espaços se tornaram, ao longo dos anos,

¹⁴⁵ QUADROS, 2008, p. 152.

líderes da categoria e, atualmente, participam do cenário nacional enquanto articuladores do movimento em busca da profissionalização desse grupo, como membros e presidentes das associações de intérpretes de Língua de Sinais no país.¹⁴⁶

Ser intérprete religioso e atuar como intérprete profissional pode indicar parcialidade nas interpretações extra-igreja. Contudo, quando o intérprete entende e obedece ao seu código de ética profissional, este preza pelo cuidado na transmissão da mensagem, a fim de que ela não seja afetada por suas crenças.

Segundo Goffman, quando um sujeito chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Nessa perspectiva, tal sujeito agirá de modo premeditado a fim de transmitir aos outros o tipo de impressão que precisa para levá-los a mostrar-lhe, por meio de uma resposta, o que lhe deseja obter.¹⁴⁷

Concernente a sua atividade profissional e a influência que esta recebe da sua religião, os entrevistados intérpretes (EI) relataram que não há como dissociar sua religião da sua atividade profissional, alguns confessam que até mesmo sua postura, vestimentas e conduta em determinadas circunstâncias, a sua crença se faz presente, contudo asseveram respeitar a crença dos surdos.

EI1: Atuo profissionalmente e minha fé em Cristo influencia no meu trabalho de tal forma que tento fazer o meu melhor, Tendo em vista que, tudo o que fizermos, deve ser para honra e glória do Senhor. Se tiver algum assunto que não aceito a posição do emissor, não deixo de transferir o conteúdo, pois, minha responsabilidade é repassar o que foi emitido. Os surdos são capazes de diferenciar o que são suas crenças e o que são as mensagens do emissor. EI2: [...] entendo que na profissão ou na igreja sou Cristão o tempo todo! Minha crença influencia em meu comportamento, roupas, situações embaraçosas, etc

EI4: A minha religião influencia de forma muito positiva. Pelo fato de ser uma liderança religiosa estou sempre em contato com os surdos e isso contribui para minha fluência na Língua Brasileira de Sinais.

EI7: Atuo profissionalmente, vivo o evangelho, no entanto procuro conversar a respeito de minha fé nos espaços fora do trabalho, ou pelo menos, fora de meu horário de atuação profissional. Contudo, a minha conduta cristã é a mesma dentro ou fora do trabalho. Creio que mesmo se eu não sinalizar uma palavra, no trabalho, a respeito do evangelho não terá mais peso do que eu me portar com bom testemunho, mesmo em silêncio, onde acredito que impactarei com mais força através de minhas ações, provando ser diferente de outros que se portam de forma a assegurar a impunidade, a honestidade, o amor ao próximo etc.

EI10: Sim minha religião influencia em minha atuação profissional, na ética, na postura, no comportamento, não tem como não haver essa influência. Só discordo em algumas situações em que presenciei a não interpretação como, por exemplo, de piadas em que o intérprete, por ser cristão se recusa, e particularmente não acho legal, se todos estão presenciando e entendendo aquela situação, porque privá-los?

¹⁴⁶ QUADROS, 2008, p. 153.

¹⁴⁷ GOFFMAN, 2014, p. 15.

Goffman observa que quando uma pessoa emite um enunciado, uma mensagem, por mais simples que esta mensagem seja, esta pessoa se compromete e compromete aqueles a quem ela se dirige, e neste caso, num certo sentido coloca todos os participantes em perigo.

148

Portanto, neste contexto, o intérprete religioso sente-se comprometido com o que ele transmitirá ao surdo e se posiciona como alguém que *protege* o surdo de receber algo, que na ótica da sua religião, ou mesmo na sua percepção, está *moralmente*, ou *espiritualmente* errado, ainda que declarem neutralidade na interpretação, admitem a influência da sua confissão de fé:

EI3: A minha religião influencia minha atividade profissional, sim. Pois conhecendo a verdade muitas vezes me constrange em ter que traduzir aulas de filosofia, pois existe muito ensino errado. Mas como temos que ser fiel aos surdos não posso interferir na crença deles e traduzir o que o professor ensina.

EI6: Sim, a minha religião influencia de certa forma, pois como cristã minha vida é diferente, pois Cristo vive em mim e tenho princípios que sigo, porém no ato da interpretação profissional a neutralidade é fundamental.

EI8: [...] não tem como desassociar quem você é, sua ética, seus valores e princípios Cristãos. Todavia na interpretação profissional precisa de transparência, foco na mediação comunicativa e ética profissional sem atribuir juízo de valor ou opinar em algo que não pediram sua opinião.

Embora na fala dos intérpretes citados acima se perceba a compreensão da exigência da neutralidade no exercício da profissão, admitindo a necessidade dos intérpretes tirarem conclusões a respeito do conteúdo advindo da língua fonte e oferecê-las na língua alvo, compreendendo que a totalidade das decisões quanto às escolhas dos sinais devam ser coerentes com a mensagem original, nesses trechos supracitados há indícios da produção e interferência do intérprete religioso em relação às construções dos enunciados em Libras quando estes diferem de suas crenças.

Essa postura adotada por tais intérpretes contraria o código de ética profissional, conjunto de regras que objetiva orientar a atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras,

O código de ética é um instrumento que orienta o profissional intérprete na sua atuação. A sua existência justifica-se a partir do tipo de relação que o intérprete estabelece com as partes envolvidas na interação. O intérprete está para intermediar um processo interativo que envolve determinadas intenções conversacionais e discursivas. Nestas interações, o intérprete tem a responsabilidade pela veracidade e fidelidade das informações.¹⁴⁹

¹⁴⁸ GOFFMAN, 2014, p. 45.

¹⁴⁹ QUADROS, 2004, p. 31.

Neste contexto, faz-se necessário que o intérprete não somente conheça, mas atente para os princípios fundamentais declarados pelo referido código:

- 1º O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas a ele; 2º O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo; 3º O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade; 4º O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas.¹⁵⁰

O código de ética supracitado está em consonância com a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Libras. Cabe ao intérprete apropriar-se do conhecimento da referida lei com o intuito de aprimorar o exercício de sua profissão seguindo as seguintes atribuições:

- Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:
- I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;
 - II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;
 - III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;
 - IV - pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;
 - V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;
 - VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.¹⁵¹

No entanto, sabe-se que a interpretação é da ordem da criação de sentidos outros, tantos que podem afastar-se ou fugir da ideia trazida pelo enunciador, ganhando novas formas, mesmo que se faça convergência mais a frente, porém o intérprete não pode eximir-se das responsabilidades que a interpretação demanda.

[...] o intérprete sempre está diante de situações completamente inusitadas a todo instante. As situações levantadas são apenas possibilidades e podem jamais vir a acontecer na sua atuação enquanto intérprete de língua de sinais. No entanto, quanto mais você pensa e reflete sobre todas as situações possíveis, mais você estará

¹⁵⁰ QUADROS, 2004, p. 32.

¹⁵¹ BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/norma/585316/publicacao/15747036>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

preparado para tomar uma decisão e uma postura ética diante de um contexto novo.¹⁵²

Concernente a estas responsabilidades que envolvem a atuação do intérprete de da língua de sinais, Quadros destaca alguns princípios éticos que devem ser levados em conta pelo profissional:

a) confiabilidade (sigilo profissional); b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).¹⁵³

Observa-se, portanto, que os intérpretes participantes trabalham profissionalmente e atuam no ministério com surdos em suas igrejas e, nestes espaços de saberes confessionais, tais intérpretes se consideram chamados por Deus para exercerem sua função no reino através da evangelização e do serviço ao surdo. Quando indagados sobre como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo, apresenta-se o seguinte discurso religioso:

EI1: Não digo religião, mas digo a igreja onde congrego. Nós seguimos o que diz a Bíblia. Os Surdos são pessoas criadas à imagem e semelhança de Cristo. São pecadores que precisam reconhecer sua condição e precisam professar a fé no Senhor Jesus Cristo. Se morrerem sem reconhecerem a Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas, irão receber o castigo eterno como os demais. O fato de serem Surdos não os exime da culpa do pecado.

EI2: Como alguém pecador igual a qualquer outra pessoa necessitada da mesma salvação em Cristo Jesus. Infelizmente a maior parte dos membros da igreja não sabem Libras.

EI3: Não sei como falar sobre a compreensão da religião sobre surdos, pois muitas vezes me deparo com atitudes absurdas por parte dos ouvintes. Por Exemplo. Porque que o intérprete tem que sentar de frente pra o surdo e o surdo sentar na frente, porque não sentam lá atrás? Porque tem que sentar perto do pregador? E tantos porquês que fico estressada só em ouvir essas perguntas!

EI4: Esta pergunta é desafiadora tendo em vista que dentro de grupo religioso há diversas concepções relacionadas a um mesmo ponto. Porém na igreja que sou membro entendemos a surdez como uma cultura. E tratamos os surdos como pessoas comuns que devem receber tratamentos como as demais pessoas não surdas com os mesmos direitos e deveres.

EI5: Compreendemos o sujeito surdo como qualquer outra pessoa, que apenas possui uma língua diferente da nossa e que deve ser instruído e tratado da mesma forma que trataríamos quaisquer pessoas. Antes da Igreja em Libras na PIB era um pouco diferente, as pessoas ainda os viam como inferiores, não por má fé, acredito que por falta de conhecimento. Agora com o ministério em Libras, tudo é diferente. Para melhor.

¹⁵² BRASIL, 2007, p. 39.

¹⁵³ QUADROS, 2004, p. 28.

EI6: A minha religião entende o surdo como um ser humano independente que precisa como qualquer outro de Jesus e que o respeito é entender a cultura do surdo é fundamental.

EI7: Bem, a minha fé, trata o surdo como um indivíduo pecador que precisa de Cristo como qualquer outro ouvinte. E a sua surdez nada mais é do que uma consequência, dentre varias, que foram acometidas nesse mundo, com o pecado que teve origem em Adão. Onde, para tratarmos o pecador devemos expor de forma clara e objetiva a respeito da palavra de Deus, o seu amor, a sua graça, a sua morte substitutiva por nós, o plano de salvação e mostrar a necessidade da pessoa surda tem de confessar seus pecados a Deus e se entregar totalmente a Ele.

EI8: O Surdo, como as demais pessoas, foram criados a imagem e semelhança de Deus, que precisam conhecer o poder transformador do evangelho, pois se trata do seu destino eterno. E após serem transformados por Cristo, podem ser transformador e multiplicador das maravilhas de Deus.

EI9: Como um ser capaz de absorver quaisquer conhecimentos, desde que tenha o acesso através da Língua de Sinais.

EI10: Compreende de forma que precisa ser incluído com a presença do intérprete, mas sinto falta de uma pregação imagética, onde o surdo possa compreender o contexto em sua totalidade, pois a língua de sinais é visual, então seria uma adaptação perfeita para eles.

Percebe-se, portanto, que a atividade profissional não está isenta de ser envolta por valores confessionais que cada intérprete religioso carrega consigo, visto que o seu contato primordial com o surdo não foi no espaço profissional e sim no espaço religioso onde ele aprendeu a comunicar-se com a língua de sinais a fim de conseguir atingir um objetivo específico de evangelização e discipulado de um indivíduo que é considerado pela sua religião como *pecador*, que *precisa de Cristo para transformá-lo* e caso morram sem esta transformação, eles receberão o *castigo eterno*. Goffman considera que cada indivíduo está imbuído de uma face, ou seja, um valor social positivo que cada indivíduo requisita para si enquanto em interação face-a-face com outros indivíduos.¹⁵⁴

Desta forma, os agentes religiosos, ainda que, conhecendo o código de ética, durante o exercício de seu trabalho extra-igreja eles sentem dificuldade de desvencilhar seus valores e crenças do exercício de sua profissão.

3.2 Fronteiras situacionais no cotidiano dos surdos e intérpretes promovendo conflitos

Por exercer atividades profissionais, o tempo que muitos intérpretes dispunham para a realização de atividades voluntárias no serviço religioso em prol da necessidade do surdo, tais como: visitas, aconselhamentos, passeios, e variados auxílios em interpretações diversas extra-igreja passam a ser minimizados. O distanciamento das interações no cotidiano, por sua vez, implica pouco contato com os surdos possibilitando o enfraquecimento da conversação,

¹⁵⁴ GOFFMAN, 2011, p. 15.

dificultando o entendimento da sinalização realizada pelo intérprete que não possui interação extra-igreja com a comunidade surda. Ainda existem aqueles intérpretes religiosos que não estão capacitados por possuírem pouco tempo de contato com a língua de sinais e por isso fazem uso de sinais inadequados e descontextualizados.

Nas interações entre surdos e intérpretes religiosos faz-se necessário analisar as fronteiras situacionais que promovem conflitos nestas interações. A seguir, abordaremos sobre as fronteiras observadas através dos discursos proferidos pelos indivíduos surdos entrevistados.

3.2.1 *Interações dos intérpretes no cotidiano dos surdos fora do espaço religioso*

Como já foi mencionado anteriormente, por exercer atividades profissionais e outras ocupações de ordem pessoal, o tempo que muitos intérpretes disponibilizavam para a realização de atividades voluntárias em prol da necessidade do surdo, passou a ser minimizado, principalmente quando essas atividades voluntárias são situações do cotidiano do surdo fora do espaço religioso.

Melo descreve sobre a necessidade de ganhar a confiança dos surdos no desenvolvimento do ministério com estes indivíduos, ele afirma que se alguém deseja, de fato, iniciar um trabalho bem sucedido com os surdos precisa, antes disso, iniciar um trabalho com a comunidade surda, pois quando estiver imerso na vida e no cotidiano do surdo poderá também viver a integralidade do ministério proposto, pois certamente haverá confiança, por parte da comunidade surda, no intérprete que se interessa por participar do seu cotidiano.¹⁵⁵

É fácil notar quando alguém não dá a mínima para você, só observando o fato de a pessoa não ter interesse nas suas coisas, apenas nas dos outros. Para a comunidade surda é assim também, se uma das pessoas que deseja conquistar a confiança dos surdos não participa de nenhum ambiente de convivência com eles, essa pessoa pode até conquistar algumas coisas, mas certamente não conquistará a confiança e o respeito da comunidade surda [...].¹⁵⁶

O surdo compreende a distância que se instaura entre as atividades do intérprete dentro da igreja, auxiliando-o a aprender sobre o que é ensinado nos cultos e nos eventos promovidos pela igreja e pelo ministério com surdos e o seu cotidiano. Para Goffman, os encontros sociais variam muito quanto à importância de que os participantes atribuem a eles,

¹⁵⁵ MELO, 2017, p. 31.

¹⁵⁶ MELO, 2017, p. 32.

mas sejam cruciais ou corriqueiros tais encontros representam ocasiões em que o indivíduo pode se tornar espontaneamente envolvido nos acontecimentos.¹⁵⁷

Quando indagados sobre a interação dos intérpretes nas áreas de sua vida, que não fosse a área religiosa, os Entrevistados Surdos (ES) em questão foram bem incisivos ao afirmar:

ES1: Somente na igreja, eu os intérpretes do ministério estão, nada mais. É difícil. Geralmente só surdos nos acompanham.

ES2: Dentro da igreja sempre, mas fora há muita dificuldade, eles geralmente não estão participando do meu dia-a-dia.

ES3: Poucas vezes quando eu preciso chamar, eles não podem, preciso de paciência. Na igreja, eles estão presentes sempre, mas preciso que me acompanhe fora e não consigo que eles me ajudem.

ES4: Sempre dentro da igreja, sempre. Algumas vezes fora, mas é pouco. Aqui na igreja é frequente.

ES5: A maioria das vezes dentro da igreja, fora não. Às vezes quando preciso, eu chamo. Para evangelizar as famílias dos surdos é necessário que o intérprete vá junto. Sozinho há muitas barreiras comunicativas. Tem que chamar o intérprete.

ES6: Não há outras interações. Precisamos dessa interação para aprender mais, acho isso falho, pois o contato fora da igreja só tenho com os surdos ou mesmo com a liderança surda. A ajuda do intérprete fora seria boa, ele ajuda na compreensão da Palavra, mas ele se detém somente na igreja, a interação e a ajuda do intérprete fora da igreja, seria muito bom.

ES7: Não. Nunca me ajudam fora, a ajuda se restringe tudo à igreja. Eles não participam de nada da minha vida e nem visitam a minha casa. Têm surdos que têm magoa de intérprete.

ES8: Só na religião, no cotidiano não. Sempre na igreja tem intérprete explicando as pregações, mas fora não tem. Só através da religião mesmo.

ES9: Depende às vezes a família me acompanha e quando a família não pode o intérprete às vezes vai, tenho a companhia do intérprete em muitos lugares. Tenho amizade com intérpretes.

EI10: Mais na igreja mesmo. A gente não anda com os intérpretes em todos os lugares, tem a participação da família.

Observa-se, portanto, que os surdos, além de notarem essa ausência do intérprete em sua vida fora da igreja, alguns apresentam certo desconforto em não poder contar com esse auxílio, ou mesmo com a interação dos intérpretes em momentos de necessidade fora da igreja: “nunca me ajudam fora, não há outras interações”. Pode-se constatar que citaram até sobre o não recebimento de visitas “eles não participam de nada da minha vida e nem visitam a minha casa”, foi mencionado até a necessidade de se ter paciência para lidar com isso, “preciso de paciência”. Ainda ressaltam que muitos, até mesmo, se ressentem dos intérpretes por estes não participarem de sua vida em momentos que se faz necessária a presença deles, ainda que fosse apenas para uma simples visita “têm surdos que têm magoa de intérprete”. Sobre o dever do envolvimento Goffman afirma:

¹⁵⁷ GOFFMAN, 2011, p. 133.

A tarefa de ficar espontaneamente envolvido em alguma coisa, quando ela é um dever para si mesmo ou para outros, é uma coisa difícil, como todos nós sabemos através da nossa experiência com tarefas monótonas ou ameaçadoras. As ações do indivíduo precisam acontecer para satisfazer suas obrigações de envolvimento, mas num certo sentido ele não pode agir *exatamente* para satisfazer essas obrigações, pois tal esforço necessita de que ele mudasse sua atenção do tópico da conversação para o problema de estar espontaneamente envolvido nela.¹⁵⁸

O bom senso deve perpassar a relação do intérprete e o seu envolvimento com o surdo e suas vivências. Para Goffman, o indivíduo terá razões aprovadas ou não para cumprir sua obrigação enquanto participante da interação, mas em todos os casos, para que ele a realize será necessário que ele seja capaz de assumir o lugar dos outros e sentir as qualificações que a situação deles deve trazer para a sua própria conduta para que eles não sejam atrapalhados por ela.¹⁵⁹

A seguir, discutiremos outro ponto de tensão nas dinâmicas interacionais entre surdos e intérpretes nas igrejas batistas, a saber, clareza na interpretação, fator indispensável para a compreensão, por parte dos surdos, dos discursos pronunciados durante os cultos realizados nestas igrejas.

3.2.2 *Compreensão e clareza nas interpretações durante os cultos*

A interação dos intérpretes com os surdos torna-se um fator de real importância para o desenvolvimento da interpretação, uma vez que o surdo considera o intérprete de grande valor para a sua comunhão com Deus

ES1: Quando não tem o intérprete fico só observando sem entender, sem compreender os textos, as explicações, o evangelismo. Acho muito importante, sem ele não compreendo.

ES2: [...] não consigo aprender e perco muitas coisas se ele não estiver. Através dele tudo fica mais claro, é importante o intérprete.

ES3: Importante para que eu compreenda o que o que a Bíblia diz e as pregações. E me ajuda na fé.

ES4: Eu acredito que o intérprete possibilita que eu tenha um contato maior com Deus. Deus pode usar o intérprete para que seja modelo para o surdo. Usado pelo Espírito Santo eles conseguem ser influenciados e eu consigo perceber Deus através da vida do intérprete. O papel do intérprete é muito importante, pois ajuda a interagir e me relacionar melhor com Deus.

ES5: É muito importante, pois através dele eu posso compreender, eu consigo ser servo e obedecer a Cristo. Através do intérprete os surdos podem ser ensinados.

ES6: É importante porque o intérprete ajuda na comunicação, existe interação e aprendizado através dele em relação ao meu relacionamento com Deus.

¹⁵⁸ GOFFMAN, 2011, p. 114.

¹⁵⁹ GOFFMAN, 2011, p. 115.

ES7: Os intérpretes que tive são muito bons e me ajudaram muito no contato com Deus, porem alguns ao consigo entender a sinalização. Alguns são bem mais claros e me ajudam muito nisso

ES8: Muitas vezes o intérprete tem uma atuação clara, outros não. Mas através dele sinto a presença de Deus

ES9: A existência do intérprete é importante para a mediação com Deus

ES10: No passado não tinha intérprete, quando o intérprete chegou pude compreender. O intérprete tem o papel de nos levar a compreender

Observa-se que para os surdos, o intérprete exerce um significativo papel no tocante a sua comunhão com Deus, afirmam que o intérprete “ajuda na comunhão com Deus” pois ele os auxiliam diretamente na “compreensão dos textos bíblicos”, consideram que através do intérprete os “surdos podem ser ensinados”, podem “servir a Deus” com mais compreensão e que o intérprete deve ser “modelo para o surdo”. Porém, esta interação pode ser ameaçada por uma tensão instaurada através da falta de clareza gerada pelo despreparo do intérprete para a sua atuação interpretativa nos momentos de culto.

Sabe-se que a clareza na transmissão da mensagem para língua de sinais é imprescindível para que o surdo consiga apreender todo o conteúdo que o enunciador deseja. Quando a interpretação falha, a cadeia de significantes se rompe os sentidos não circulam, e isso afeta a todos. Para Lacerda

[...] o trabalho de interpretação não pode ser visto, apenas, como um trabalho linguístico. É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado, sendo, portanto, fundamental, mais do que conhecer a gramática da língua, conhecer o funcionamento da mesma, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Interpretar envolve conhecimento do mundo, que mobilizado pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos.¹⁶⁰

Contudo, não se pode desprezar o que ressalta Gesser, que a língua de sinais possui uma gramática própria, ela é estruturada em todos os níveis, assim como acontece nas línguas orais, pois possui fonologia, morfologia, sintática e semântica próprias. Pode-se ainda encontrar na língua de sinais características como: produtividade, criatividade, flexibilidade, descontinuidade e arbitrariedade.¹⁶¹

Porém, nem todo intérprete religioso possui formação acadêmica ou cursos de interpretação na língua de sinais, isso acaba dificultando muito a compreensão do surdo, gerando uma tensão no tocante ao principal objetivo da frequência aos cultos, que é a

¹⁶⁰ LACERDA, C. B. F. de. *Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009. p. 21.

¹⁶¹ GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 27.

compreensão de tudo que se realiza naquele momento a fim de que faça sentido para ele estar ali.

Quando indagados sobre a existência de dificuldades na compreensão das interpretações durante os cultos obteve-se as seguintes declarações

ES1: Difícil, às vezes acho difícil entender a Bíblia [...]

ES2: Às vezes tem sim. Mas aos poucos a gente consegue desenvolver aos poucos.

ES3: Sim. Difícil quando não tem clareza.

ES4: Eu consigo entender com clareza.

ES5: Às vezes sim, pois às vezes a própria a pregação é difícil. Tem muitos nomes, muitas coisas complexas, como Apocalipse. Nem tudo tem sinais em libras. Os surdos precisam visualizar e correlacionar à mensagem.

ES6: Durante os cultos às vezes acho difícil, não entendo certas palavras. Tem intérpretes que necessitam fazer cursos e interagirem mais com o surdo. O português é difícil, a comunicação tem barreiras, mas o intérprete ajuda muito e ele aproveita a oportunidade.

ES7: No começo era bem mais difícil, eu tinha pouco entendimento, a comunicação era truncada [...]

ES8: Depende. Por exemplo, tem sinais rápidos ou errados ou descontextualizados. Na maioria das vezes eu entendo, mas algumas vezes encontro dificuldade.

ES9: Eu entendo claramente toda a sinalização e é neste contato que eu aprendo

ES10: Quando o intérprete faz o português sinalizado e dificulta [...]

Conforme Melo, os intérpretes nunca devem parar de estudar a língua de sinais, ele afirma que toda língua evolui e isso também ocorre com as línguas sinalizadas, são dinâmicas e estão em constante evolução, ele ressalta que alguns *obreiros* pararam com o tempo e não evoluíram suas técnicas de interpretação, por isso a comunidade surda os têm como arcaicos, antiquados. Ele aconselha que os participantes de ministério com surdos devam buscar a realização de cursos, participação em congressos de educação de surdos ou de temas específicos sobre a Libras. Uma segunda diretriz, dada pelo autor supracitado é que os intérpretes religiosos devem aprender na convivência com os surdos.¹⁶²

Se qualquer pessoa que deseja aprender inglês nunca tiver um contato com alguma pessoa que fala a língua inglesa, como saberá que realmente está falando inglês? Ou melhor, como corrigirá as suas pronúncias erradas? No caso da Língua Brasileira de Sinais a verdade que se aplica é a mesma. Observe as expressões, as modulações dos sinais, as adaptações e saia da métrica, tornando dinâmica, clara e admirável suas palavras e prédicas em Libras.¹⁶³

Muitos intérpretes iniciaram sua atuação sem um maior conhecimento sobre as técnicas e modalidades de interpretação, contudo, o despreparo compromete a sua atuação, compromete a compreensão do surdo. Quando se refere à atuação do intérprete de sinais no ministério, alguns podem considerar que, por ser um trabalho voluntário, a necessidade da

¹⁶² MELO, 2017, p. 32.

¹⁶³ MELO, 2017, p. 32.

formação continuada não deva ser tão exigida, pois a convivência com a comunidade surda seria o bastante para a destreza da língua, porém para que o intérprete se desenvolva linguisticamente, para que ele obtenha segurança no exercício da sua atividade, a preparação e a formação para esta tarefa é imprescindível, através desses relatos pode-se perceber esta significativa necessidade.

3.3 Negociações que atenuam as tensões entre surdos e intérpretes

Conforme descrito anteriormente, há tensões que permeiam o processo de interação entre surdos e intérpretes, comumente presente no discurso do indivíduo surdo. Expressões como “dentro da igreja sim, fora não, há dificuldade, não há engajamento nem interação, acho falho, eles não participam de nada da minha vida, não visitam minha casa, não tenho contato, me relaciono apenas com surdos” presentes no discurso dos surdos evidenciam-nas.

Todavia, tais tensões devem ser amenizadas, para que a relação social entre os interlocutores seja mantida é imprescindível o desenvolvimento da amizade, cortesia, discrição, solidariedade, educação, lealdade, ética já que todos os partícipes, em qualquer contexto comunicativo, no âmbito religioso ou fora dele têm a necessidade de manter o valor positivo de suas faces. No contexto em questão, a aprendizagem da Libras é imprescindível, como a manutenção dos laços harmoniosos

EI1: Primeiro aprender a Libras. Respeitar a língua a singularidade da Comunidade com sua cultura

EI2: Sempre usei a amizade para falar do evangelho e convidá-los a igreja.

EI3: Ganhando a confiança deles através do contato com eles amizades e sendo sempre verdadeira.

EI4: No início do ministério fundamos uma instituição de apoio aos surdos da região do Cariri. Nesta instituição era oferecido apoio escolar para os surdos e cursos de Libras para seus familiares. Era oferecido também Intérpretes para acompanhar os surdos nas suas consultas médicas, entrevistas de emprego bem como comunicação com os órgãos governamentais.

EI5: Palestras, encontros, trilhas passeios e os próprios eventos da igreja.

EI6: Redes sociais

EI7: [...] Uma aproximação através do fortalecimento do vínculo de amizade.

EI8 Oração, a palavra de Deus, visitação nos lares com uso da LIBRAS e acampamentos para Surdos

EI9: [...] Já fora desse contexto, desenvolvo laços de amizades com os surdos que também compartilham momentos de confiabilidade por diversas vezes.

EI10: Desde o pessoal, eles querem saber de tudo, mas devemos (não é fácil) manter a discrição.

Footing é expressão usada por Goffman para descrever a maneira como os participantes enquadram as elocuições enquanto negociam as relações interpessoais. Significa

o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do *eu* de um partícipe na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso que está sendo construído na situação enunciativa.¹⁶⁴

Segundo o autor citado, uma mudança de *footing* implica uma alteração no alinhamento que assumido para nós mesmos e para os outros presentes expressa na forma como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução.¹⁶⁵

Na interpretação, os surdos e intérpretes constroem e definem, conjuntamente, a situação e os significados da interação, e negociam, durante todo o processo comunicativo em que mantêm contato, seus papéis discursivos, em termos de uma estrutura de participação, principalmente, quando diz respeito à construção e à manutenção da face positiva.¹⁶⁶ O intérprete EI9 coloca que “durante o ato interpretativo do culto, acredito que há o desenvolvimento de confiabilidade entre os surdos e o trabalho que desenvolvo, pois, os mesmos demonstram através de expressões faciais e corporais [...]”

Para Goffman

Se o indivíduo descobre que sempre que está na presença conversacional de certas pessoas, elas fazem com que ele tenha consciência demais delas à custa do envolvimento prescrito no tópico de conversão, então elas podem adquirir a reputação, aos seus olhos.¹⁶⁷

A comunicação é uma necessidade do indivíduo que tomou proporções complexas ao longo da história social, colocando o ser humano diante de si mesmo, do contexto social, *locus* de construção do *eu* pelo outro através do olhar avaliador. Para a interação com comunidade surda, faz-se necessário o aprendizado da sua língua natural, a Libras como afirma a EI1: “Primeiro aprender a Libras. Respeitar a língua a singularidade da comunidade com sua cultura”. Em seguida, fazer-se compreendido. A EI10 coloca que se deve “ter uma sinalização que eles possam compreender de forma geral [...]”.

Além do aprendizado da Libras, há outras estratégias para explorar condições favoráveis com o intuito de tecer a relação de confiabilidade entre surdos e intérpretes

EI4: No início do ministério fundamos uma INSTITUIÇÃO de apoio aos surdos da região do Cariri. Nesta instituição era oferecido apoio escolar para os surdos e cursos de LIBRAS para seus familiares. Era oferecido também Intérpretes para acompanhar os surdos nas suas consultas médicas, entrevistas de emprego bem como comunicação com os órgãos governamentais.

¹⁶⁴ GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 70.

¹⁶⁵ GOFFMAN, 1998, p. 75.

¹⁶⁶ GOFFMAN, 2014, p. 34.

¹⁶⁷ GOFFMAN, 2011, p. 119.

EI8: Oração, a palavra de Deus, visitação nos lares com uso da LIBRAS e acampamentos para Surdos.

Na busca de atrair para si os atributos aprovados socialmente e aproximar os participantes surdos das instituições religiosas, os intérpretes realizam ações e funções que estão além da interpretação, segundo o EI10: “até mesmo a disponibilidade para deixá-los em suas residências, todo este contexto os atrai; o EI4: [...] no dia a dia com a minha disposição em servi-los de forma voluntária e com sinceridade”.

Diante da missão, do chamado, da necessidade e do desejo de construir essa face positiva de si nas interações com os surdos, o intérprete depara-se com ideais de conformidade às condutas e atitudes mais aceitas pela comunidade surda, agindo em consenso, ou seja, procurando atender as expectativas e modos que ele precisa preencher.

Conforme Goffman

Uma vez tendo assumida uma autoimagem, que se expressa através de uma face, há expectativas e modos que uma pessoa precisa preencher. De diferentes modos, em diferentes sociedades, exigir-se-á que as pessoas demonstrem auto respeito, recusem certas ações por estarem estas acima ou abaixo de si mesmas, ao mesmo tempo em que se forcem para desempenhar outras mesmo que isso lhes custe muito caro. Ao entrar em uma situação na qual lhe é dada uma face a manter, a pessoa toma a si a responsabilidade de patrulhar o fluxo de eventos que passa diante de si.¹⁶⁸

O processo interacional é um jogo de reciprocidade. Cada sujeito envolvido, através do compartilhamento, constrói sua imagem com o objetivo de causar boas impressões no seu interlocutor. Segundo o EI5, “Através de conversas, aconselhamentos e compartilhamento de fatos” a relação de confiabilidade mútua vai se efetivando o respeito é de suma importância, coadunam os EI6 e EI1, respectivamente: “Através do respeito mútuo e da neutralidade e integridade” e “Através do princípio de respeito ao próximo”.

A religiosidade, neste contexto, é vista como um aspecto atenuante das tensões na elocução entre os intérpretes e os surdos, conforme vimos nos fragmentos supracitados e na seguinte afirmação ancorados no argumento de que:

EI6: [...] o entendimento construído ao longo do tempo é de que o evangelho deve ser pregado a toda criatura, sem exceção, de todas as línguas, povos e raças (como estar escrito na Bíblia). E as pessoas surdas fazem parte de um povo (Surdo) com sua própria língua (LS) e cultura e precisam ser alcançados como qualquer outro grupo social. Alcançados no sentido de saber da existência da fé cristã e a partir desse conhecimento tomar uma decisão de aceitar ou rejeitar.

¹⁶⁸ GOFFMAN, 2011, p. 80.

Os intérpretes reconhecem que foram chamados para pregar a Palavra de Deus, evangelizar povos não alcançados e os surdos fazem parte desses grupos. Desta forma, independente das tensões existentes nessa interação um comprometimento com a missão religiosa: evangelizar. O EI10 afirma: “Sim, minha religião influencia em minha atuação profissional, na ética, na postura, no comportamento, não tem como não haver essa influência”. Questões relacionadas à religião desse profissional que passa a integrar o contexto religioso do surdo na igreja, como também nos diferentes espaços, além da dimensão religiosa, conforme declara o EI8: “Sim, pois não tem como desassociar quem você é, sua ética, seus valores e princípios cristãos”.

Quadros afirma sobre a atuação dos intérpretes das línguas de sinais nas igrejas, que este deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os ouvintes (liderança religiosa e demais membros) e surdos, alertando que “as competências e responsabilidades” dos mesmos são complexas, inclusive podendo ocorrer vários problemas, de ordem ética, ocasionados, muitas vezes, “em função do tipo de mediação que acaba acontecendo”. Os intérpretes da língua de sinais estão diante de vários desafios para a consolidação da sua identidade profissional nas instituições religiosas.¹⁶⁹

Em contrapartida, os surdos reconhecem e afirmam a necessidade da presença do intérprete e das suas contribuições para compreensão da Palavra de Deus.

ES1: O intérprete me ajuda a conhecer e perceber Deus, mas no processo de mudança o surdo me ajudou, pois o intérprete não conhece meus problemas. Eu tenho necessidade de conhecer e sentir Deus, mas não tive cursos, nem estudos. É importante ler a Bíblia e entender

ES2: Me ajuda a perceber, se eu vier sozinho não consigo perceber fico paralisado e há muitas perdas, não consigo ler sozinho e nem conhecer

ES3: O intérprete me ajuda a ter contato com Deus e a compreender mais sobre a religião.

ES4: o intérprete me possibilita a me relacionar com as pessoas. Deus ajudou a minha vida e cresci espiritualmente.

ES5: [...] Pois o intérprete me explicou e eu entendi com muita clareza e tive mais estímulo e motivação para crescer, recebi informações e pude organizar minha vida ministerial também. O intérprete é muito importante, ajuda e estimula o surdo. Através das interpretações eu entendi a cruz, os mandamentos, evitar o pecado, mudar o meu estilo de vida.

ES6: No passado eu era um crente fraco, não aprendia a Palavra, não entendia nada, mas na interação com o intérprete que explicava a pregação, foi tudo muito melhor, houve entendimento e essa interação foi importante e eficiente para que eu não me sentisse sozinho, mas que eu compreendesse o ensino. Se não tivesse intérprete como eu iria aprender e compreender? Eu ficaria sem ajuda, sozinho e desmotivado, sem auxílio? O intérprete traz a explicação nos ajuda a abrir os olhos e a testemunhar.

ES7: Tiveram muitos intérpretes importantes nesse processo na minha vida. Teve uma que me ajudou muito que ia junto, que interagia comigo na igreja e estava sempre junto, a única que ia à minha casa e me ensinava.

¹⁶⁹ QUADROS, 2003, p. 60.

- ES8: Muito importante a mediação dos intérpretes e o esclarecimento das pregações depende do intérprete, as mudanças na minha vida, não sei explicar
 ES9: A presença do intérprete é necessária para passar essas informações, a questão da comunicação e do aprendizado sobre Jesus.
 ES10: Percebo a atuação do intérprete na explicação das pregações, nos exemplos, que me ajudam a entender a aplicar na minha vida.

Além do reconhecimento aos profissionais quanto a sua participação no processo de mediação nas instituições religiosas, o surdo também participa dos eventos organizados pelos intérpretes, fato relevante para atenuar os conflitos existentes

- ES4: O intérprete é importante, se ele não tiver eu mesma não tinha vontade de vir, só o intérprete me possibilita a me relacionar com as pessoas.
 ES3: Sim, participo sempre.
 ES4: Sempre que posso eu estou presente, eu amo. Sempre que fazem eventos de ministérios com surdos eu procuro estar presente.
 ES6: Sim, gosto muito de ir, de participar, de interagir, de aprender e os cultos muito importantes, eu vou sempre.
 ES8: Sim, sempre participo.
 ES9: Sempre participo, sou apaixonado por Deus. A presença do intérprete é necessária para passar essas informações, a questão da comunicação e do aprendizado sobre Jesus.
 ES10: Sim participo sempre.

A identidade do intérprete e do surdo é constituída nas suas interações com os atores sociais que participam do processo de inclusão da pessoa surda na igreja ou em qualquer outro contexto, interações essas baseadas em representações discursivas.¹⁷⁰

Todo processo de interação envolve tensões, que os indivíduos podem ou não ser aprovados enquanto participantes, no entanto, tais tensões podem ser atenuadas pelos partícipes através de atos que tenham como objetivo manter o envolvimento. Neste sentido, percebem-se através das respostas obtidas nas entrevistas com estes dois grupos em questão, que as tensões existentes nas interações entre surdos e intérpretes, são atenuadas por intermédio das ações (eventos, encontros, palestras, aconselhamentos...) promovidas pelos intérpretes, possibilitando aos surdos o envolvimento com os demais membros do ministério e da igreja em que estão inseridos através das amizades e de laços de confiabilidade que são tecidos nestes encontros.

Ainda que os surdos apontem a ausência do intérprete em seu cotidiano, ainda que eles se ressentam por este distanciamento, ainda que tenham dificuldades em compreender os discursos, pela falta de clareza na interpretação de alguns durante os momentos de culto, eles percebem, admitem a importância do papel do intérprete na mediação do seu relacionamento com Deus, na compreensão dos discursos proferidos durante os cultos, no entendimento da

¹⁷⁰ LIMA, 2006, p. 142.

leitura bíblica e certamente em sua comunicação com os demais membros da igreja a qual pertencem.



CONCLUSÃO

Como vimos ao longo deste trabalho, para Goffman os ritos de interação são contextos para que a ordem moral e social seja afirmada. Num encontro face a face, cada indivíduo social busca fornecer dele uma imagem positiva por meio da linha de ação que os demais partícipes supõem que ela adotou no curso do contato particular.¹⁷¹

Os intérpretes participantes da pesquisa que trabalham profissionalmente afirmaram que, embora conheçam código de ética, e atentem para a transmissão fiel da língua fonte para a língua alvo, a religião influencia diretamente em seu trabalho como intérprete da língua. Para eles, não há como desvincular sua vida religiosa da sua atividade profissional. Concernente ao chamado missionário e ao trabalho religioso, os intérpretes entrevistados asseveraram envolver-se com a vida do surdo em suas atividades cotidianas e capacitar-se para a interpretação.

O intérprete e o surdo necessitam agir com tato e racionalidade nas situações sociais as quais estão inseridos. O intérprete precisa seguir algumas normas, rituais expressos simbolicamente em seus atos com o intuito de manter o fluxo da ordem interativa no âmbito religioso e conseqüentemente sustentar sua identidade como profissional diante do surdo.

Desta forma, ao agir estrategicamente de acordo com as regras de seu grupo e/ou sociedade e/ou comunidade, os atores, surdos e intérpretes, estão buscando, através de suas estratégias de ação (oferta de cursos, promoção de eventos, prestação de assistência, acompanhamentos) a fim de serem vistos positivamente dentro do campo no qual estão inseridos, reestruturando ou mantendo a visão do *eu* atribuída a ele pelo *outro*.

A recompensa pela interação bem sucedida é o reconhecimento de seus pares, observou-se, a partir da análise dos dados, que os surdos afirmam a importância do intérprete para compreensão da mensagem na Igreja, admitem que sem a presença dele não há entendimento do que está sendo emitido pelo líder religioso, e com isso, acontece o ganho de respeito, traduzido na manutenção da fachada.

No entanto, as complexidades existentes nas formas de interação social, entre surdos e intérpretes, promovidas nas instituições religiosas geram tensões e conflitos, como por exemplo, a menção por parte dos surdos de que os intérpretes não os acompanham em ocasiões no seu cotidiano em que se faz necessária a presença de um intérprete, nem

¹⁷¹ GOFFMAN, 2011, p. 15.

participam de sua vida pessoal, extra-igreja, fator conflitante com o que foi assegurado pelos intérpretes.

Outra tensão evidenciada e tanto quanto conflitante com o que foi asseverado pelos intérpretes, é que nas cerimônias religiosas, a incompreensibilidade com a falta de clareza durante algumas interpretações gera situações de constrangimento, pois os desvios de conduta como a utilização de alguns sinais descontextualizados, a utilização do português sinalizado, ocasiona tensões entre os indivíduos durante a interação.

A observação das normas de interação face a face é imprescindível para manter a coesão social, além de fazer com que as interações fluam com mais suavidade entre os indivíduos. As tensões ocasionadas pelo processo de interação devem ser amenizadas, para que a relação social entre os interlocutores seja mantida. Observou-se que os intérpretes afirmam buscar estratégias de aproximação realizando eventos, acompanhamentos, aconselhamentos e em dias de culto os buscam e os levam para suas residências a fim de que o surdo não abandone o envolvimento com a igreja.

Contudo, no discurso dos surdos isso não é tão evidente, muito embora, entendam a importância do intérprete e a sua aquiescência para que eles permaneçam motivados, compreendam a Bíblia, a ministração nos cultos e até mesmo sejam como um canal em seu relacionamento com Deus. O que certamente os levam a não deixarem de frequentar os eventos promovidos pelos intérpretes nem tampouco os cultos promovidos pela igreja de que participam.

Conclui-se, portanto, que o discurso religioso usado pelos intérpretes torna-se eficaz no sentido de promover e consolidar as interações dentro da igreja, atenuando as tensões e conflitos que, por vezes, são suscitadas no ministério. Porém, algo a ser considerado é que os surdos percebem a diferença dessas interações e como elas se configuram dentro e fora da igreja, e para além das percepções, eles se ressentem dessa discrepância.

A pesquisa auxilia e propõe aos intérpretes de Juazeiro do Norte, bem como os demais intérpretes religiosos, a refletirem e a desenvolverem ações que transformem suas interações no cotidiano com os surdos. Na igreja, essas ações devem ser direcionadas para a preparação dos intérpretes religiosos quanto ao uso correto da língua de sinais a fim de que as interpretações dos cultos, estudos e eventos sejam claras e inteligíveis; fora do campo religioso, essas ações podem sugerir frequência e continuidade das interações, levando em consideração que estas foram as tensões, ou seja, as questões conflitantes e significativas levantadas pelos surdos entrevistados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. O. C. *Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- AMARAL, M. A. Refletindo sobre a reabilitação de surdos. *Integrar*, nº 2, Set. 93. Lisboa: IEFP/SNR 1993.
- ASSIS SILVA, C.A. *Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.
- ASSIS SILVA, C. A. de. *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome/FAPESP, 2012.
- ASSIS, S. C. de; TEIXEIRA, J. Entre a “cultura surda” e a cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. *Revista Cultura y Religión* v. 2, n. 3, 2008.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. Trad.: Paulo Bezerra, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2009.
- BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Joao Ferreira de Almeida. São Paulo 2ª ed: sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BRITO, L. F. *Por Uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BRANDÃO, M. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 abr. 2002.
- BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 21 dez. 1999.
- BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. *Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*.
- CAPOVILLA, F. C. et al. O desafio do bilinguismo na educação do surdo: descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética e estratégias para resolvê-la. In: *Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo, 2004.

CAMPOS, D. W. & STUMPF, M. R.. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. IN: PERLIN, G. & STUMPF, M. R. (org). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. 1a ed. Curitiba: PR: CRV, 2012.

CHAVEIRO, N; BARBOSA, M. A. *Assistência ao surdo na área da saúde como fator de inclusão social*. Rev. Esc. Enfermagem USP, 2005.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 11 ed. São Paulo: Ática, 1997.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Comunicando com as mãos*. Convenção Batista do Estado de S. Paulo. São Paulo, 1983.

CROMAK, E. M. P. da C. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. *Psicol. cienc. prof.* 2004, v. 24, n. 4.

DARKE, B. *Deficiente: o desafio da inclusão na igreja*. São Paulo: Hagnos, 2015.

FELIPE, T. A. *LIBRAS em contexto: curso básico: Livro do estudante*. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

FENEIS- *Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos*, 2006. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT. M. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GESSER. A. *Tradução e interpretação da Libras II*. Florianópolis: UFSC, 2011.

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GILE, D. *Conference and simultaneous interpreting*. Baker, M. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. Londres; Nova York: Routledge. 1998.

GIUMBELLI, E. *A vontade de saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro*. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, 2001.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

GOFFMAN, E. *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida Cotidiana*. 20ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus, 2002.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

HAROCHE, C. Le comportement de déférence: du courtisan à la personnalité démocratique déférence. *Communications*, Paris, Seuil, n. 69. p. 5, 2000.

HONORA, M., FRIZANCO, M.L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. II Título, São Paulo, Ciranda Cultural, 2009.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Censo demográfico brasileiro 2010. Brasília: IBGE: 2010.

JUNTA DAS MISSOES NACIONAIS DA CONVENCAO BATISTA BRASILEIRA. *O clamor do silêncio*. Rio de Janeiro [s.e.], 1991.

KOCH. I. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

LABOURIT, E. *O voo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.

LACERDA, C. B.F. de. *A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos*. Cad. CEDES [online]. v. 20, n. 50. 2000.

LACERDA, C. B. F. de. *Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LEITE, E. M. C. *Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva*. Petrópolis: Arara azul, 2005.

LEOPARDI, M. T. *Metodologia da pesquisa na saúde*. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2002.

LIMA, P. A. *Educação Inclusiva e Igualdade Social*. São Paulo: Avercamp, 2006.

MASUTTI, M. L. *Intérpretes de língua de sinais: processos de subjetivação*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

MELO, A. *Ministério com Surdos, História, Desafios e Sinais Bíblicos*. Curitiba: Santos Editora, 2017.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MONTERO, P. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: MONTERO, P. (org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.

MOURA, M. C. de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NUNES, J. H. A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 2. 2005.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo, Brasiliense, 1996.

PADDEN, C. A. *Simultaneous Interpreting across modalities*. *Interpreting*, n. 5, v.2, 2000.

PERLIN, G.T.T. O Lugar da Cultura Surda, In THOMA, A. da S. e LOPES, M, C.(orgs). *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PERLIN, G. T.T. A Cultura Surda e os intérpretes de línguas de Sinais. In: *Educação Telemática Digital*, Campinas. v. 7. n. 2, p. 135-146. Jun. 2006.

PERLIN, G. T. T. Identidade surda. In Skliar, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PINHEIRO, L. M. *Língua de sinais brasileira: Libras I*. São Paulo: Know How, 2010.

PIRES, C.L.; NOBRE, M. A. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: Thoma, A.S.; Lopes, M.C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

QUADROS, R. M. de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEE, 2002.

QUADROS, R. M. de. *O tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*/Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: Aquisição da Linguagem*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: Aquisição da Linguagem*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

RAMOS, C. R. LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>>.

REILY, L. *Escola inclusiva: linguagem e mediação*. Campinas: Papyrus, 2004.

REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Ver, Bras. de Educ.* [online]. 2007, vol. 12, n. 35, 2007.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANDER, R. Questões do intérprete da língua de sinais na universidade. In: *Letramento e Minorias*. Org. LODI, A. C. B., 2003.

SANTOS, S. A. *Intérpretes de Língua de Sinais: um estudo sobre as identidades*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SASSAKI, R.K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, I. R., KAUCHAKJE, S. GESUELI, Z. M. (org). *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2006.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. *Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto

Pesquisador Responsável:

Nome do participante:

Data de nascimento:

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso): R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “ _____ ” (*título do projeto*), de responsabilidade do (a) pesquisador (a) _____ (*nome*).

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por ... (*descrever as finalidades, justificativa e objetivos em linguagem clara e acessível e com estratégias mais apropriadas à cultura, faixa etária, etc*);
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em ... (*detalhe aqui a metodologia da pesquisa de forma adequada e compreensível ao público alvo, incluindo local de realização das entrevistas, sua duração, quem as fará, quem estará presente, conteúdo das entrevistas, entre outras informações relevantes como, por exemplo, se haverá registro de áudio, de vídeo ou imagem*).

4. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo ... (descrever o(s) benefício(s) diretos e/ou indiretos que a pesquisa trará);

5. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de ... (descrever uma média, frequência, tempo de duração de cada encontro e número de vezes que deverá retornar ao serviço).

6. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.

9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

10. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

11. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com _____, pesquisador (a) responsável pela pesquisa, telefone: _____, e-mail: _____;

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B: Questionário para o intérprete

Gênero

Idade

Grau de escolaridade

1. Tempo de ministério na igreja?
2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?
3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM)?
4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?
5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?
6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)
7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?
8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?
9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

APÊNDICE C: Questionário para o surdo

Gênero

Idade

Grau de escolaridade

Profissão

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?
2. Como você conheceu a igreja?
3. O que a religião ou igreja significa para você?
4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?
5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?
6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?
7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?
8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?
9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do intérprete nesse processo?

ANEXOS

ANEXO A: Entrevistas dos intérpretes

ENTREVISTADO (A) 1

Gênero - feminino

Idade - 43

Grau de escolaridade – Especialista

1. Tempo de ministério na igreja?

22 anos

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Primeiro aprender a Libras. Respeitar a língua a singularidade da Comunidade com sua cultura.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM)?

Através do princípio de respeito ao próximo

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

Deus criou o ser humano como um ser religioso. Todos tem a necessidade de crer em algo ou alguém superior que reja o universo. O Surdo não é diferente, ele também precisa se ater a isso. Portanto, vejo uma excelente oportunidade de apresentar o Cristo ressurreto para os mesmos.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Não me preocupo que os Surdos assimilem ou aceitem as doutrinas de nenhuma igreja ou religião. Minha preocupação é que, os mesmos se reconheçam como seres pecadores e que necessitam do perdão e do amor de Deus. Quanto a igreja, deixo que eles se sintam à vontade para escolher em qual igreja se identifica e deseja congregar.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)

Além da igreja, considero os Surdos como seres semelhantes a mim. São pecadores que necessitam de arrependimento. Quanto àqueles que já tomaram uma decisão ao lado de Cristo, esses precisam serem acompanhados para que cresçam na fé e produzam frutos dignos ao Senhor.

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Minha formação me capacita para atuar como tradutora/intérprete de Libras e amo fazer este trabalho. Apesar que minhas condições de saúde atualmente, tem deixado este trabalho quase que impossível de ser realizado. Como tenho certificação para atuar com o ensino, então, faço isso sempre que necessário. Mas, prefiro atuar no ensino somente se não houver outra pessoa capacitada para realizar tal trabalho.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Atuo profissionalmente e minha fé em Cristo influencia no meu trabalho de tal forma que tento fazer o meu melhor, Tendo em vista que, tudo o que fizermos, deve ser para honra e glória do Senhor. Se tiver algum assunto que não aceito a posição do emissor, não deixo de transferir o conteúdo, pois, minha responsabilidade é repassar o que foi emitido. Os Surdos são capazes de diferenciar o que são suas crenças e o que são as mensagens do emissor.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

Não digo religião, mas digo a igreja onde congrego. Nós seguimos o que diz a Bíblia. Os Surdos são pessoas criadas a imagem e semelhança de Cristo. São pecadores que precisam reconhecer sua condição e precisam professar a fé no Senhor Jesus Cristo.

Se morrerem sem reconhecerem a Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas, irão receber o castigo eterno como os demais. O fato de serem Surdos não os eximem da culpa do pecado.



ENTREVISTADO (A) 2

Gênero: Masculino

Idade: 28

Grau de escolaridade: Ensino Superior

1. Tempo de ministério na igreja?

Como pastor já estou a quase 4 anos, porém antes disso já havia liderado outros ministérios dentro da igreja, podendo somar uns 10 anos.

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Sempre usei a amizade para falar do evangelho e convidá-los a igreja.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

Até hoje, temos laços de amizade, a ponto de compartilharem comigo angústias e pedidos de oração e eu com alguns também.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

A religião ajuda o surdo em suas questões éticas, pois entendem que Cristo está com eles em todos os momentos.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Contando-lhes ilustrações e metáforas de forma que fixam melhor o que foi ensinado.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)

Amizade, somos irmãos e amigos.

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Sou tradutor Intérprete de Libras, e não encontrei nenhuma resistência.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Sim, influência. Pois entendo que na profissão ou na igreja sou Cristão o tempo todo! Influenciam meu comportamento, roupas, situações embaraçosas, etc.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

Como alguém pecador igual a qualquer outra pessoa necessitada da mesma salvação em Cristo Jesus. Infelizmente a maior parte dos membros da igreja não sabem Libras.

ENTREVISTADO (A) 3

Gênero: feminino

Idade: 44anos

Grau de escolaridade: Superior

1. Tempo de ministério na igreja?

2001 até o ano atual

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

As estratégias que são usadas é a LIBRAS. Pois quando o surdo percebe que tem alguém que pode se comunicar com eles isso o atrai!

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

Ganhando a confiança deles através do contato com eles amizades e sendo sempre verdadeira.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

A importância e que eles podem ter contato com os ouvintes aprendendo também a respeitar as pessoas e ensinar um pouco da sua língua, como um bom dia boa tarde e boa noite!

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Fazendo contato m que eles venham a igreja aprender a palavra de Deus. E na EBD tirando as dúvidas com as lições dos professores.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)

Procuo fazer com que os surdos enterais ou participe das programações da igreja juntamente com os ouvintes para que eles se sintam incluídos.

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Atuo como intérprete as vezes quando sou convidada pelos diretores e professores da escola que trabalho eu ensino o básico da LIBRAS pra eles.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Sim a minha religião influencia minha atividade profissional. Pois conhecendo a verdade muitas vezes me constrange em ter que traduzir aulas de filosofia, pois existe muitos ensino errados. Mas como temos que ser fiel aos surdos não posso interferir na crença deles e traduzir o que o professor ensina.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

Não sei como falar sobre a compreensão da religião sobre surdos, pois muitas vezes me deparo com atitudes absurdas pó parte dos ouvintes. Por Exemplo. Porque que o intérprete tem que sentar de frente pra o surdo e o surdo sentar na frente, porque não sentam lá atrás? Porque tem que sentar perto do pregador? E tantos porquês que fico estressada só em ouvir essas perguntas!

ENTREVISTADO (A) 4

Gênero: Masculino

Idade: 39

Grau de escolaridade: Especialista

1. Tempo de ministério na igreja?

Meu tempo de ministério com a comunidade surda foi dividido em dois períodos. Primeiro como interprete na Igreja (Primeira Igreja Batista regular em Juazeiro do Norte) e depois como pastor para surdos na congregação de Surdos. Meu tempo de ministério totaliza nestes dois períodos 18 anos.

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

No início do ministério fundamos uma INSTITUIÇÃO de apoio aos surdos da região do Cariri. Nesta instituição era oferecido apoio escolar para os surdos e cursos de LIBRAS para seus familiares. Era oferecido também Interpretes para acompanhar os surdos nas suas consultas médicas, entrevistas de emprego bem como comunicação com os órgãos governamentais.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM)?

Devido a posição de pastor e líder, os laços de confiabilidades foram desenvolvendo com os contatos nas atividades religiosas e no dia a dia com a minha disposição em servi-los de forma voluntária e com sinceridade.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

Em geral as religiões são inclusivas, ou seja, acolhedoras. É na religião que muitas pessoas que são e se sentem excluídas são aceitas sem preconceito, e isso faz com que os surdos se sintam inseridos na sociedade. É em um ambiente religioso que as pessoas são aceitas como elas são e são envolvidas nas atividades religiosas passando assim a se sentirem valorizadas e inseridas na sociedade.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Fazemos estudos bíblicos regulares, palestras bíblicas, teatro com encenação do dia a dia dos surdos envolvendo questões doutrinárias.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)?

É uma relação comum, participo da vida social dos surdos. Me envolvo nos acontecimentos sociais: Esportes, passeios aos Shoppings, festas de aniversários, casamentos congressos sobre cultura e comunidade surda e etc.

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Sim. Como interprete profissionalmente. Até o presente momento não encontrei resistência por parte dos surdos.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Sim. De forma muito positiva. Pelo fato de ser uma liderança religiosa estou sempre em contato com os surdos e isso contribui para minha fluência na Língua Brasileira de Sinais.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

Esta pergunta é desafiadora tendo em vista que dentro de grupo religioso há diversas concepções relacionadas a um mesmo ponto. Porém na igreja que sou membro entendemos a surdez como uma cultura. E tratamos os surdos como pessoas comuns que devem receber tratamentos como as demais pessoas não surdas com os mesmos direitos e deveres.



ENTREVISTADO (A) 5

Gênero: Feminino

Idade: 26

Grau de escolaridade: Especialista em Libras

1. Tempo de ministério na igreja?

Ajudo com a interpretação desde que cheguei a PIB em 2012, Porém o ministério Igreja em Libras, o qual estou inserida, ainda fará dois anos em junho.

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Palestras, encontros, trilhas passeios e os próprios eventos da igreja.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

Através de conversas, aconselhamentos e compartilhamento de fatos.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

Através da religião o surdo pode buscar respostas para alguns questionamentos pessoais, bem como instrução e direcionamento para viver em sociedade, além de compartilhar boas e más experiências com os irmãos.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

A minha principal estratégia consiste no bom testemunho.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)?

Tenho uma boa relação, os encontro em eventos e alguns momentos de lazer. Mas isso não é frequente.

7. Você atua no ensino da Libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Sou professora de Libras na UFCA. Não encontrei resistência.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Não.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

Comprendemos o sujeito surdo como qualquer outra pessoa, que apenas possui uma língua diferente da nossa e que deve ser instruído e tratado da mesma forma que trataríamos quaisquer pessoas. Antes da Igreja em Libras na PIB era um pouco diferente, as pessoas ainda

os viam como inferiores, não por má fé, acredito que por falta de conhecimento. Agora com o ministério em Libras, tudo é diferente. Para melhor.



ENTREVISTADO (A) 6

Gênero: Feminino

Idade: 21

Grau de escolaridade: Ensino Superior Cursando (letras/libras)

1. Tempo de ministério na igreja?

9 anos

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Redes sociais

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

Através do respeito mutuo e da neutralidade e integridade

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

É importante para todo ser humano e para o surdo não é diferente , para ele entender o que está sendo passado

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Tendo a palavra de Deus como regra de fé e prática

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)

Dá super bem temos uma amizade e sempre auxilio no que posso

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Não atuo como profissional

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Sim a minha religião influencia de certa forma, pois como cristã minha vida é diferente, pois Cristo vive em mim e tenho princípios que sigo, porém no ato da interpretação profissional a neutralidade é fundamental.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

A minha religião entende o surdo como um ser humano independente que precisa como qualquer outro de Jesus e que o respeito é entender a cultura do surdo é fundamental.

ENTREVISTADO (A) 7

Gênero: Masculino

Idade: 32 anos

Grau de escolaridade: Superior completo

1. Tempo de ministério na igreja?

R: Um pouco mais de 16 anos (iniciei a auxiliar no ministério ainda na adolescência, mas efetivamente interpretando na igreja um pouco mais de 12 anos) Lembrando que dentro desse período interpretei na Igreja Batista Regular em Sião e não tinha um ministério formalmente organizado e sim alguns surdos que frequentavam a igreja e por nós (eu e minha esposa) estávamos por lá e acabávamos interpretando.

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

R: Bem, primeiramente pregar a palavra de Deus de forma genuína. Uma aproximação através do fortalecimento do vínculo de amizade.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

R: São fortalecidos através do ensino sobre maturidade cristã, vínculo de amizade, como mencionei anteriormente, e um bom testemunho, de minha parte como servo, para que os surdos possam ver em mim, o agir de Cristo em minha vida e assim possam, confiar na liderança espiritual.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

R: Assim como um ouvinte, os surdos precisam de Cristo, se não se converterem ao evangelho ao menos serão instruídos através de princípios cristãos, como viver em sociedade, e respeito ao próximo.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

R: Bem, através de um maior tempo de estudo na escola bíblia dominical, em sala separada dos ouvintes, com o ensino exclusivamente em Língua Brasileira de sinais. Também usamos as mídias sociais para ter um contato mais próximo aos surdos, tirando suas dúvidas a respeito do que foi ensinado e direcionando-os como lidar com as situações do cotidiano, mas sem abrir mão da doutrina bíblica, através de um ensino que fortaleça a sua convicção de fé, em Cristo.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)

R: Em sua grande maioria, procuro firmar um contato mais pessoal, através de visitas e também o uso de chat's , em virtude de termos a tecnologia que possibilita uma abordagem diferenciada. E também nos espaços de trabalho, onde acabamos nos encontrando, pelo fato dos mesmo (alguns deles) também frequentarem o mesmo espaço.

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

R: Sim, atuo ensinando Libras e interpretando profissionalmente, nunca encontrei resistência nenhum. Creio que não encontrei, haja vista ter conseguido ganhar um pouco de espaço e respeito dentro da comunidade surda e também dentro do contexto ministerial.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

R: Atuo profissionalmente, vivo o evangelho, no entanto procuro conversar a respeito de minha fé nos espaços fora do trabalho, ou pelo menos, fora de meu horário de atuação profissional. Contudo a minha conduta cristã é a mesma dentro ou fora do trabalho. Creio que mesmo se eu não sinalizar uma palavra, no trabalho, a respeito do evangelho não terá mais peso do que eu me portar com bom testemunho, mesmo em silêncio, onde acredito que impactarei com mais força através de minhas ações, provando ser diferente de outros que se portam de forma a assegurar a impunidade, a honestidade, o amor ao próximo etc.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

R: Bem, a minha fé, trata o surdo como um indivíduo pecador que precisa de Cristo como qualquer outro ouvinte. E a sua surdez nada mais é do que uma consequência, dentre varias, que foram acometidas nesse mundo, com o pecado que teve origem em Adão. Onde, para tratarmos o pecador devemos expor de forma clara e objetiva a respeito da palavra de Deus, o seu amor, a sua graça, a sua morte substitutiva por nós, o plano de salvação e mostrar a necessidade da pessoa surda tem de confessar seus pecados a Deus e se entregar totalmente a Ele.

ENTREVISTADO (A) 8

Gênero: Feminino

Idade: 39

Grau de escolaridade: Especialista em LIBRAS

1. Tempo de ministério na igreja?

18 anos

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Oração, a palavra de Deus, visitação nos lares com uso da LIBRAS e acampamentos para Surdos

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre voc e e os Surdos do Ministério (SM) ?

Contato pessoal e individual...

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

Elo de Salvação, onde o evangelho (Cristo)   apresentado,

5. Quais estratégias voc e utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Aplicando em diversos contextos diários. A medida que surgem os diálogos, essas doutrinas são inculcadas

6. Como se d  a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)?

Encontro em Associações de surdos, em suas casas, ou no ambiente de trabalho.

7. Voc e atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Ambos. Não! Os surdos a partir do momento que confia no profissional intérprete essa aparente resistência não existirá.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira? Sim, pois não tem como desassociar quem voc e  , sua  tica, seus valores e princípios Cristãos. Todavia na interpretação profissional precisa de transparência, foco na mediação comunicativa e  tica profissional sem atribuir juízo de valor ou opinar em algo que não pediram sua opinião

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

O Surdo, como as demais pessoas, foram criados a imagem e semelhança de Deus, que precisam conhecer o poder transformador do evangelho, pois se trata do seu destino eterno. E após serem transformados por Cristo, podem ser transformador e multiplicador das maravilhas de Deus.

ENTREVISTADO (A) 9

Gênero: Feminino

Idade: 36

Grau de escolaridade: Especialista

1. Tempo de ministério na igreja?

Na verdade não faço parte de um ministério com surdos, quando eles visitam a igreja, desenvolvo o trabalho de interpretação de todo o Culto para a Libras.

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Quando há uma programação especial na igreja, tento compartilhar através das redes sociais o convite do evento para que os surdos possam se interessar em participar.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

Durante o ato interpretativo do Culto, acredito que há o desenvolvimento de confiabilidade entre os surdos e o trabalho que desenvolvo, pois, os mesmos demonstram através de expressões faciais e corporais que estão compreendendo o que está sendo repassado. Já fora desse contexto, desenvolvo laços de amizade com os surdos que também compartilham momentos de confiabilidade por diversas vezes.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

De extrema importância, pois, dentro da religião conseguimos absorver valores morais e éticos para o convívio em sociedade.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

Tento sempre informá-los que qualquer dúvida, eles podem estar agendando o gabinete pastoral para sanar esses questionamentos que estarei disponível para interpretar.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)

Sou uma pessoa bastante atuante na Comunidade Surda, por diversas vezes participei de diretorias de associações de surdos, intérpretes e ONG's.

7. Você atua no ensino da Libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente?

Sim, sou servidora Federal como Tradutora Intérprete de Libras, mas também possuo formação em Licenciatura em Letras Libras, porém, não posso apresentar projetos de capacitação dos servidores com o ensino da Libras porque os surdos não veem isso com bons olhos, mas fora do contexto de meu ambiente de trabalho, atuo como docente da Libras em Universidades particulares.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

A única influência que a religião possui na minha atuação profissional é que meu primeiro contato com a Libras ocorreu no ambiente religioso, mas atualmente, não vejo nenhuma influência em minha atuação.

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo?

Como um ser capaz de absorver quaisquer conhecimentos, desde que tenha o acesso através da Língua de Sinais.



ENTREVISTADO (A) 10

Gênero: Feminino

Idade: 41

Grau de escolaridade: Especialista

1. Tempo de ministério na igreja?

Desde 2010.

2. Quais as estratégias de aproximação são usadas para atrair os surdos para o ministério?

Ter uma sinalização que eles possam compreender de forma geral. Ex.: O antes de iniciar, o prelúdio, os louvores, a pregação, os avisos, a atenção pós culto, até mesmo a disponibilidade para deixá-los em suas residências, todo este contexto os atrai.

3. Como são tecidos os laços de confiabilidade entre você e os Surdos do Ministério (SM) ?

Desde o pessoal, eles querem saber de tudo, mas devemos (não é fácil) manter a discrição.

4. Qual a importância da religião para que o surdo se sinta inserido na sociedade?

O conhecimento de Deus pode libertá-los do preconceito, porque a partir de então muitos se reconhecem e vencem a barreira da solidão.

5. Quais estratégias você utiliza para consolidar as doutrinas batistas no cotidiano dos SM?

A forma de testemunhar através do seu modo de viver, no auxílio, mostrando e reconhecendo quando erramos.

6. Como se dá a sua relação extra- igreja com o grupo de surdos do ministério (SM)?

Muito boa, em muitas situações com trabalhos voluntários, e as vezes quando não podemos ele não querem aceitar, mas procuro sempre dialogar e mostras as condições.

7. Você atua no ensino da libras ou como intérprete profissional? Encontrou resistência por parte dos SM por atuar profissionalmente? Em ambos, tanto na área da docência como intérprete. Atualmente não, mas já teve sim muita resistência no início.

8. Se atuar profissionalmente, a religião influencia o seu trabalho profissional? De que maneira?

Sim minha religião influencia em minha atuação profissional, na ética, na postura, no comportamento, não tem como não haver essa influência. Só discordo em algumas situações em que presenciei a não interpretação como, por exemplo, de piadas em que o intérprete, por ser cristão se recusa, e particularmente não acho legal, se todos estão presenciando e entendendo aquela situação, porque privá-los?

9. Como a sua religião compreende a surdez e como considera que se deve tratar o surdo? Compreende de forma que precisa ser incluído com a presença do intérprete, mas sinto falta de uma pregação imagética, onde o surdo possa compreender o contexto em sua totalidade, pois a língua de sinais é visual, então seria uma adaptação perfeita para eles.

ANEXO B: Entrevista dos surdos

ENTREVISTADO (A) 1

Gênero Feminino

Idade: 44

Grau de escolaridade: Fundamental I

Profissão: Dona de casa

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Desde 2010 eu comecei, me desviei, deixei de frequentar. Depois do meu casamento, que aconteceu na igreja católica, senti que Deus me incomodava. Depois fui convidada a conhecer a igreja em que frequento.

2. Como você conheceu a Igreja?

Através de uma intérprete que me convidou e começou a me ensinar alguns sinais na igreja.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

É sentir Deus, é ter Deus. Deus no coração, quando eu estava desviada queria perceber a presença de Deus de forma urgente e necessária. Quando eu tinha problemas em casa na família eu percebia ainda mais que Deus me incomodava. Quando adoeci e quase morri, percebi que realmente necessitava de Deus e deveria permanecer fiel ao Senhor.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sim. Quando sou convidada, pois moro longe e quando tenho companhia para ir junto comigo eu vou.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Quando não tem o intérprete fico só observando sem entender, sem compreender os textos, as explicações, o evangelismo. Acho muito importante, sem ele não compreendo.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Difícil, às vezes acho difícil entender a Bíblia e quando estou sozinha não consigo ler, mas sinto a presença de Deus.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Não me relaciono com as outras pessoas na igreja, não tenho amizades. Só com os surdos. Não tenho conato com outras pessoas. E não tenho contato com intérprete fora da igreja.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Somente na igreja que os intérpretes do ministério estão, nada mais. É difícil. Geralmente só surdos nos acompanham.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do intérprete nesse processo?

Sim, houve mudanças, meus problemas puderam ser compreendidos, a necessidade que eu tinha, não poderia continuar assim. O intérprete me ajuda a conhecer e perceber Deus, mas no processo de mudança o surdo me ajudou, pois o intérprete não conhece meus problemas. Eu tenho necessidade de conhecer e sentir Deus mas não tive cursos, nem estudos. É importante ler a Bíblia e entender.



ENTREVISTADO (A) 2

Gênero: Masculino

Idade: 37

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Profissão: Comerciário

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Não sei a data certa, mais ou menos no ano de 1999/2000, comecei a ir pra igreja.

2. Como você conheceu a Igreja?

Comecei visitar a igreja e me habituei. Aceitei a Jesus como meu Salvador e passei a ler a Bíblia.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Tenho muitas sensações e consigo aprender através do Estudo e da leitura, nunca quero estacionar, sempre quero mais.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Às vezes, alguns eu não posso ir, mas em alguns eu não posso ir.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Para que eu aprenda, para que eu perceba, não consigo aprender e perco muitas coisas se ele não estiver. Através dele tudo fica mais claro, é importante o intérprete.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Às vezes tem sim. Mas aos poucos a gente consegue desenvolver aos poucos.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Gosto muito de estar junto e observar as pessoas e consigo me relacionar.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Dentro da igreja sempre, mas fora há muita dificuldade, eles geralmente não estão participando do meu dia-a-dia .

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do interprete nesse processo?

Sim, antes eu errava mais e depois comecei a evoluir a ser transformado, não estacionar, não parar, mas crescer. Me ajuda a perceber, se eu vier sozinho não consigo perceber fico paralisado e há muitas perdas , não consigo ler sozinho e nem conhecer . Dentro da igreja posso desenvolver melhor.

ENTREVISTADO (A) 3

Gênero Feminino

Idade: 35

Grau de escolaridade: Fundamental II

Profissão: Dona de Casa

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Desde 2000 eu frequento.

2. Como você conheceu a Igreja?

Um intérprete me evangelizou. Ele leu a Bíblia e interpretou pra mim. Comecei a frequentar, casei depois me desviei, mas voltei.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

A igreja faz com que eu tenha comunhão e interação, as religiões são todas iguais, mas eu me identifiquei mais com a evangélica, interajo mais e me sinto emocionada por conseguir

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sim, participo sempre.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Importante para que eu compreenda o que o que a Bíblia diz e as pregações. E me ajuda na fé.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Sim. Difícil quando não tem clareza.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Só consigo interagir com as pessoas através do intérprete. Eu consigo ficar emocionada e interagir através da língua de sinais.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Poucas vezes quando eu preciso chamar, eles não podem, preciso de paciência. Na igreja, eles estão presentes sempre, mas preciso que me acompanhe fora e não consigo que eles me ajudem.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do interprete nesse processo?

Sim, percebi mudanças. Não via o pecado como o vejo hoje, eu entendo e me arrependo, percebo que preciso mudar. Sei que preciso de consagração, de santidade. O intérprete me ajuda a ter contato com Deus e a compreender mais sobre a religião.

ENTREVISTADO (A) 4

Gênero: Feminino

Idade: 28

Grau de escolaridade: Mestra

Profissão: Professora universitária

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Desde criança com mais ou menos nove anos de idade.

2. Como você conheceu a Igreja?

Quando eu comecei a frequentar a fonoaudióloga, ela me convidou para ir a igreja dela, disse que lá havia muitos surdos, e me levou até lá.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Resposta difícil. Mas tem a ver com a experiência da pessoa. A igreja não é somente um lugar, mas um espaço onde Deus está presente, onde eu aprendo sobre a bíblia, onde consigo ficar firme a igreja é a casa de Deus.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sempre que posso eu estou presente, eu amo. Sempre que fazem eventos de ministérios com surdos eu procuro estar presente.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Eu acredito que o intérprete possibilita que eu tenha um contato maior com Deus. Deus pode usar o intérprete para que seja modelo para o surdo. Usado pelo Espírito santo eles conseguem ser influencia e eu consigo perceber Deus através da vida do intérprete. O papel do intérprete é muito importante, pois ajuda a interagir e me relacionar melhor com Deus.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Eu consigo entender com clareza.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Não acho que há muito engajamento e nem interação. Se não tiver o intérprete não tem como haver interação. Até mesmo o ministério com os surdos só há encontros dentro da igreja, não há compromisso fora da igreja.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Sempre dentro da igreja, sempre. Algumas vezes fora, mas é pouco. Aqui na igreja é frequente.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do interprete nesse processo?

Sim. Algumas mudanças. E o intérprete é importante, se ele não tiver eu mesma não tinha vontade de vir, só o intérprete me possibilita a me relacionar com as pessoas. Deus ajudou a minha vida e cresci espiritualmente.

ENTREVISTADO (A) 5

Gênero: Masculino

Idade: 28

Grau de escolaridade: Superior incompleto

Profissão: Professor de libras

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Há 10 anos.

2. Como você conheceu a Igreja?

Através do acampamento de surdos promovidos pela igreja batista. Lá conheci a Jesus e me converti. Depois passei a frequentar a igreja.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Crer em Jesus, ter salvação, significa a verdade, o caminho certo.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sim. Porque os surdos têm dificuldade de compreender aprender a bíblia, tem dificuldades com a língua e eu quero estar sempre perto os auxiliando, ajudando na tradução, para que eles aprendam e sejam estimulados a acreditarem em Jesus. Eu também tenho dificuldade, mas sempre estudo.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Porque através do intérprete a pregação é passada. É muito importante, pois através dele eu posso compreender, eu consigo ser servo e obedecer a Cristo. Através do intérprete os surdos podem ser ensinados.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Às vezes sim, pois às vezes a própria pregação é difícil. Tem muitos nomes, muitas coisas complexas, como apocalipse. Nem tudo tem sinais em libras. Os surdos precisam visualizar e correlacionar à mensagem.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

É necessário ter mais empatia em relação ao surdo. Isso demora com o intérprete a interação é mais fácil, porém há dificuldade de interação com os demais membros.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

A maioria das vezes dentro da igreja, fora não. Às vezes quando preciso, eu chamo. Para evangelizar as famílias dos surdos é necessário que o intérprete vá junto. Sozinho há muitas barreiras comunicativas. Tem que chamar o intérprete.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do intérprete nesse processo?

Sim. Pois o intérprete me explicou e eu entendi com muita clareza e tive mais estímulo e motivação para crescer, recebi informações e pude organizar minha vida ministerial também. O intérprete é muito importante, ajuda e estimula o surdo. Através das interpretações eu entendi a cruz, os mandamentos, evitar o pecado, mudar o meu estilo de vida.

ENTREVISTADO (A) 6

Gênero: masculino

Idade: 35

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Profissão: Repositor de mercadoria

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Mais ou menos três anos e meio de convertido.

2. Como você conheceu a Igreja?

Fui evangelizado por surdos e fui pra igreja por curiosidade, depois comecei a compreender a verdade.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

A igreja nos faz pessoas melhores, quando a gente participa a gente se sente bem, nos torna melhores, compreendemos a palavra de Deus abre a nossa mente, nosso entendimento. Participar da igreja é muito bom, excelente.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sim, gosto muito de ir, de participar, de interagir, de aprender e os cultos muito importantes, eu vou sempre.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

É importante porque o intérprete ajuda na comunicação, existe interação e aprendizado através dele em relação ao meu relacionamento com Deus.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Durante os cultos às vezes acho difícil, não entendo certas palavras. Tem intérpretes que necessitam fazer cursos e interagirem mais com o surdo. O português é difícil, a comunicação tem barreiras, mas o intérprete ajuda muito e ele aproveita a oportunidade.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

No passado achava difícil, a comunicação, a interação, mas as pessoas começaram a me ajudar. O pastor me ajudava explicava a Palavra. Não é simples, mas comecei a aproveitar a pregação e a comunicação e a ter curiosidade. Não tenho muitas interações com os ouvintes, fico só com os grupos de surdos, em nossa particularidade.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Não há outras interações. Precisamos dessa interação para aprender mais, acho isso falho, pois o contato fora da igreja só tenho com os surdos ou mesmo com a liderança surda. A ajuda do intérprete seria boa fora, ele ajuda na compreensão da Palavra, mas ele se detém somente na igreja, a interação e a ajuda do intérprete fora da igreja, seria muito bom.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do intérprete nesse processo?

No passado eu era um crente fraco, não aprendia a Palavra, não entendia nada, mas na interação com o intérprete que explicava a pregação, foi tudo muito melhor, houve entendimento e essa interação foi importante e eficiente para que eu não me sentisse sozinho, mas que eu compreendesse o ensino. Se não tivesse intérprete como eu iria aprender e compreender? Eu ficaria sem ajuda, sozinho e desmotivado, sem auxílio? O intérprete traz a explicação nos ajuda a abrir os olhos e a testemunhar.



ENTREVISTADO (A) 7

Gênero: Feminino

Idade: 36

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental II

Profissão: Dona de casa

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Há mais ou menos 17 anos.

2. Como você conheceu a Igreja?

No passado eu não conhecia nada, duas pessoas me chamaram para ir à igreja, me evangelizaram e fui junto com elas conhecer e comecei a frequentar.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Antes da igreja eu era uma pessoa sozinha e triste, depois quando comecei a ir pra igreja mudou. Igreja e religião são muito importantes.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

No passado só ia visitar, não ia muito. Hoje eu penso que não é sempre necessário ir todas às vezes, mas vou mais. Nem sempre estou presente.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Os interpretes que tive são muito bons e me ajudaram muito no contato com Deus, porem alguns ao consigo entender a sinalização. Alguns são bem mais claros e me ajudam muito nisso.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

No começo era bem mais difícil, eu tinha pouco entendimento, a comunicação era truncada, também havia pouca interação com os interpretes, mas depois quando as interações melhoraram tudo ficou mais fácil.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Sinto-me muito bem, tem bons interpretes, alguns maravilhosos que explicam bem a palavra de Deus e nos ajudam, me sinto muito bem, mas a interação com os demais membros ouvintes é muito pouca.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Não. Nunca me ajudam fora, a ajuda se restringe tudo a igreja. Eles não participam de nada da minha vida e nem visitam a minha casa. Têm surdos que têm magoa de intérprete.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do interprete nesse processo?

Vou pra igreja e sinto que minha vida tem mudanças, não tantas assim, mas tem. Pois algumas pessoas dizem isso. Quando comecei a ir pra igreja e compreender a mensagens e as pregações, compreendi que precisava de mudanças, minha vida não estava como Jesus queria.

Depois do arrependimento vi que minha vida não estava como Deus queria. Tiveram muitos intérpretes importantes nesse processo na minha vida. Teve uma que me ajudou muito que ia junto, que interagiu comigo na igreja e estava sempre junto, a única que ia à minha casa e me ensinava.



ENTREVISTADO (A) 8

Gênero: Feminino

Idade: 18

Grau de escolaridade: Ensino Médio incompleto

Profissão: Estudante

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Há dois anos.

2. Como você conheceu a Igreja?

Iniciei junto com um casal surdos, que me convidou e eu fui visitar. Conheci a igreja, alguns missionários e passei a frequentar, sempre participei desde então.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Aprendizado através pregações, conhecimento do futuro, pra onde eu vou.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sim, sempre participo.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

Muitas vezes o intérprete tem uma atuação clara, outros não. Mas através dele sinto a presença de Deus.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Depende. Por exemplo, tem sinais rápidos ou errados ou descontextualizados. Na maioria das vezes eu entendo, mas algumas vezes encontro dificuldade.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Junto com o interprete converso com pastor, sempre pra pedir conselhos o intérprete me ajuda, a comunicação é normal, mas e mediada pelo intérprete.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Só na religião, no cotidiano não. Sempre na igreja tem intérprete explicando as pregações, mas fora não tem. Só através da religião mesmo.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do interprete nesse processo?

Muito importante a mediação dos intérpretes e o esclarecimento das pregações depende do intérprete, as mudanças na minha vida, não sei explicar.

ENTREVISTADO (A) 9

Gênero: Masculino

Idade: 23

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Profissão: Estudante

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Desse a infância. Desde 5 anos de idade.

2. Como você conheceu a Igreja?

Eu participava de atividades no Instituto para surdos da Igreja Regular Sião em Juazeiro com o pr. Peterson.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Ter contato com Deus. Ser cristão e dar continuidade a isso. Me sinto maravilhado.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sempre participo, sou apaixonado por Deus.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

A existência do intérprete é importante para a mediação com Deus.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Eu entendo claramente toda a sinalização e é neste contato que eu aprendo.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Sempre preciso da mediação do intérprete para a comunicação, a maioria é ouvinte e eu surdo, então, como poderia me comunicar sem a presença do intérprete? Eu preciso da presença dele.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Depende às vezes a família me acompanha e quando a família não pode o intérprete às vezes vai, tenho a companhia do intérprete em muitos lugares. Tenho amizade com intérpretes.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do intérprete nesse processo?

Sim muitas mudanças, desde a infância que vou a igreja e dou continuidade a este processo. A presença do intérprete é necessária para passar essas informações, a questão da comunicação e do aprendizado sobre Jesus.

ENTREVISTADO (A) 10

Gênero masculino

Idade: 34

Grau de escolaridade: superior incompleto

Profissão: Instrutor de libras

1. Há quanto tempo você frequenta a igreja Batista?

Há 10 anos.

2. Como você conheceu a Igreja?

Primeiro através do instituto dos surdos organizado pela igreja Batista Regular, o INTRA – Instituto Transformar que tem como objetivo ajudar os surdos incentivar, conseguir trabalho e quebrar barreiras na comunicação. Depois fui convidado a participar da igreja.

3. O que a religião [ou Igreja] significa para você?

Fazer parte da igreja, ter comunhão com Deus.

4. Você participa de forma atuante nos eventos promovidos pela sua religião e pelo ministério de Surdos?

Sim participo sempre.

5. Qual o papel do intérprete na sua relação com Deus?

No passado não tinha intérprete, quando o intérprete chegou pude compreender. O intérprete tem o papel de nos levar a compreender.

6. Existem dificuldades de compreensão nas interpretações durante os cultos?

Quando o intérprete faz o português sinalizado e dificulta, mas tem intérprete que traduz bem, mas qualquer coisa, quando tenho duvidas eu pergunto.

7. Como você se sente na comunidade (em relação aos demais membros, à liderança, ao intérprete)?

Difícil explicar. Mas a interação é só da comunidade surda dentro da igreja com os demais intérpretes mesmo. Não temos conato, realmente, mas é importante ter esse contato, pois se o intérprete se ausentar, não tem como se comunicar.

8. Os intérpretes participam das suas atividades e relações do seu cotidiano, ou somente nas práticas religiosas?

Mais na igreja mesmo. A gente não anda com os intérpretes em todos os lugares, tem a participação da família.

9. Depois que você passou a frequentar a religião houve mudanças em sua vida? Qual a importância do interprete nesse processo?

Sim, muita mudança. Era necessário. Mudaram meus sentimentos, amizades, pois sempre Deus está presente. Percebo a atuação do intérprete na explicação das pregações, nos exemplos, que me ajudam a entender a aplicar na minha vida.